

Nº 11 - Ano 2010

CÓGITO

ISSN 1519-9479

PUBLICAÇÃO DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA

Poder e Psicanálise



Publicação anual em formato eletrônico
2010 – Salvador, BA
Número 11

Cógito	Salvador	n. 11	p. 07 - 67	2010
--------	----------	-------	------------	------

Indexado em Index Psi Periódicos (BVS-Psi)
Versão eletrônica disponível no Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia -
PePSIC da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia
(www.bvs-psi.org.br)

CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA

Av. Adhemar de Barros, 1156 s/101 – Edifício Master Center
Fone/Fax: (071)3245-6015 – Salvador – Ba – 40170-110
circulopsi.ba@veloxmail.com.br www.circulopsibahia.org.br

MEMBROS

*Ajurimar Borges de Barros Sanches

Av. ACM, 811 / 1.309 - C. E. Joventino Silva - Itaigara CEP: 41350-000 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3358.4651

*Albenor Luiz Andrade Fonseca

Rua Metódio Coelho, 62 /406 - Cidadela Center - Candeal CEP: 40275-440 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3351.977

*Anabela Silva Queiroz

Av. Juracy Magalhães Junior, 768, Ed. RV Center, sala 303, R.Vermelho CEP: 41940-060 Salvador, Ba.
Fone: (71) 8785.3933

*Ana Lúcia Sampaio Fernandes

Av. ACM, 2501, sala 406, Ed. Profissional Center - Itaigara CEP: 40288-970 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3358.9807

*Carlos Pinto Corrêa

Rua Adhemar de Barros, 1.156 / 202 - Ed. Master Center - Ondina CEP: 40170-110 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3247.1813

*Cibele Prado Barbieri

Rua João das Botas, 185 / 310 - C.M. João das Botas - Canela CEP: 41110-160 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3245.6480

*Denise Maria de Oliveira Lima

Rua Clementino Fraga, 31, ap. 202 - Ondina CEP: 40170-050 Salvador, Ba.
Fone: (71) 9135.4807

*Djalma Sant'Anna

Rua Altino Seberto de Barros, 241 / 408 - Ed. Memorial Itaigara CEP: 41905-620 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3350.6148

*Eny Lima Iglesias

Av. Anita Garibaldi, 1.555 / 301 - C.M.Garibaldi - Ondina CEP: 40177-900 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3245.1071

*Gildete Lino de Carvalho

Rua Arthur de Sá Menezes, 58, 3º andar - Pituba CEP: 41820-080 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3346.7095

*Luiz Fernando Pinto

Rua da Mangueira, 65 - Nazaré CEP: 40040-400 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3243.7517

*Maria Clarice Balleiro Adami
Rua Eduardo José dos Santos, 147/1411,
Centro Integrado de Saúde Prof. Fernando Filgueiras - Garibaldi CEP.: 41940-455 Salvador, Ba.
Fone: (71) 9146.2855

*Maria José Carballal
Av. Anita Garibaldi, 1.555 / 602 - C.M. Garibaldi - Ondina CEP: 40177-900 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3247.7200

*Maria Lúcia Mello
Rua Arthur de Sá Menezes, 58, 3º andar - Pituba CEP.: 41820-080 - Salvador, Ba.
Fone: (71) 3346.7095

*Maria Thereza Velloso
Av. Reitor Miguel Calmon, 1.210 / 408 - C.M. do Vale - Canela CEP: 40110-100 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3237.0956

*Marli Piva Monteiro
Av. ACM, 1034, S/ 121-C, Ed. Pituba Parque Center - Itaigara CEP: 41825-000 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3359.2555

*Miriam Elza Gorender
Rua Marques de Caravelas, 217, ap. 901 - Barra CEP: 40140-241 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3247.5435

*Sônia Seixas
Rua Altino Serbeto de Barros, 171, sala 203, Itaigara
Ed. Atlantis Multiempresarial CEP 41825-010 Salvador, Ba.
Tel: (71) 3359-3131

*Tarcisio Andrade
Av. Tancredo Neves, 1.632 / 1.004
Ed. Trade Center Torre Norte- Caminho das Árvores CEP: 41820-020 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3113.1414

*Terezinha de Jesus Duarte Guimarães
Rua Barão de Loreto, 654, sala 403 - C.M. Centenário - Graça CEP: 40150-270 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3328.9588

*Vera Mendes da Costa Neves
Rua Arthur de Sá Menezes, 58, 3º andar - Pituba CEP.: 41820-080 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3346.7095

*Virgínia Lúcia Brito Silva
Rua Cláudio Manoel da Costa, 220 - Canela CEP: 40110-180 Salvador, Ba.
Fone: (71) 3247.6024

Círculo Brasileiro de Psicanálise

Av. N. S. de Copacabana, 769 Grupo 504 - Copacabana

22050-000 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21) 2236-0655 FAX : (21) 2236-0279

cbp_br@ig.com.br www.cbp.org.br

Instituições Filiadas

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP-RJ

Av. N. S. de Copacabana, 769 Grupo 504 - Copacabana

22050-000 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 2236-0655 FAX : (21) 2236-0279

cbp.rj @openlink.com.br cbp.rj@openlink.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Adhemar de Barros, 1156 s/101 – Edifício master Center

40170-110 – Salvador/BA

Tel.: (71) 3245-6015

circulopsi.ba@veloxmail.com.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

Rua Maranhão, 734/3o.andar - Sta. Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte/MG

Tel./Fax: (31) 3223-6115

cpmg@cpmg.org.br www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico de Pernambuco – CPP

R. Desembargador Martins Pereira, 165 - Rosarinho

52050-220 – Recife/PE

Tel.: (81) 3242-2352 Fax :3242-2353

circulopsicanaliticope@yahoo.com.br www.circulopsicanaliticope.com.br

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001

90020-180 – Porto Alegre/RS

Tel.: (51) 3221-3292

cprs@cpovo.net www.cbp.org.br/cprs

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208 – São José

49015-130 – Aracaju/SE

Tel: (079) 3211-2055

cps@infonet.com.br www.cbp.org.br/sergipe

Sociedade Psicanalítica da Paraíba – SPP

Rua Severino Massa Spinelli, 167 - Tambaú

58030-210 - João Pessoa/PB

Tel.: (83)224-0683 / 244-7270

sppb@uol.com.br www.sppb.com.br

CÓGITO

PUBLICAÇÃO DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA

Nº 11 – 2010
Salvador- BA

Diretoria Gestão 2009/2010

Presidente

Miriam Elza Gorender

Vice - Presidente

Gildete Lino de Carvalho

Secretaria

1ª. Secretária: Virgínia Lúcia Britto Silva

2ª. Secretária: Maria Lúcia Guedes Machado Mello

Tesouraria

1ª. Tesoureira: Maria José Carballal

2º Tesoureira: Ana Lúcia Sampaio Fernandes

Imagem da Capa:
Vigeland

Comissão de Ensino

Miriam Elza Gorender

Comissão de Acervo e Publicação

Vera Mendes da C. Neves

Virgínia Lúcia Brito Silva

Carlos Pinto Corrêa

Comissão Científica

Carlos Pinto Corrêa

Comissão Editorial e de Intercâmbio

Carlos Pinto Corrêa

Vera Mendes da Costa Neves

Cassandra S Schaly

Revisão

Denise Maria de Oliveira Lima

Projeto Gráfico

Diagramação e Paginação

Editoração Eletrônica na metodologia SciELO

Cibele Prado Barbieri

FICHA CATALOGRÁFICA

Cógito / [publicação do]
Círculo Psicanalítico da Bahia.
nº 11 Salvador: 2010
Anual
ISSN 1519-9479
1.Psicanálise - Bahia -
Periódicos I.Título
CDU 159.964.2 (814.2) (05)

SUMÁRIO

07 EDITORIAL

08 Em busca do poder

In search of power

Carlos Pinto Corrêa

14 Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu.

The field of power, according to Pierre Bourdieu

Denise Lima

20 A formação do eu e o poder da psicanálise

The ego formation and the power of psychoanalysis

Gabriel Ferreira Câmara

26 O poder do grande Outro

The power of the big Other

Jairo Gerbase

29 Psicanálise como um modo de saber e poder

Psychoanalysis as a mode of knowledge and power

Kelber Silvio Rios Carneiro

36 A dominação masculina: o poder do desejo do Outro

The male domination: the power of the desire of the Other

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

41 O não-poder

The non-puissance

Miriam Elza Gorender

47 De que falo, se é que (é) falo: o significante do poder nas instituições de formação psicanalítica

Phallus: the signifier of power in psychoanalytic training institutions

Rui Maia Diamantino

52 O poder do objeto

The power of the object

Sonia Campos Magalhães

56 O poder do grupo na formação psicanalítica

The group's power in psychoanalytic training programs

Virgínia Lúcia Britto

60 Sigmundos: potência e poder

Sigmundos: potency and power

Wagner de Angeli Ferraz

EDITORIAL

PODER E PSICANÁLISE

Como dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, uma pessoa frente à outra tem, de início, determinados os papéis que envolvem posições diferentes, as quais pressupõem status e, conseqüentemente, poder. Esta concepção sociológica está em absoluta pertinência com a psicanálise, desde a primeira relação filho-mãe, como descreveu Freud e os estudos posteriores de Spitz e de Melanie Klein, ao estágio do espelho, de Lacan. A inquietação frente ao outro refere dúvida e temor na troca da posição sujeito-objeto, que possibilitaria, antes de tudo, uma inversão dinâmica do poder atribuído ao outro, ou retirado do outro, sempre expressando a questão do dominar ou ser dominado. Por sua origem estruturante de toda a relação possível, o poder é uma imposição. Negado o seu exercício, caímos em novo viés que nos trai e nos aprisiona.

Ausente da psicanálise, enquanto conceito, a questão do Poder foi introduzida por Alfred Adler que, a partir dos ensinamentos de Nietzsche, fixou-se na defesa do homem contra o social e perdeu sua conexão com o inconsciente. Paralelamente, o avanço no estudo das pulsões tomou o poder do inconsciente como vértice para todo o entendimento da questão. Na psicanálise, a palavra Poder não é contemplada no índice remissivo da Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud, mas assim aparece: símbolo de poder fálico, vontade de poder e poder das classes dominantes. Pode-se pensar que, na questão do Outro (A e a), Lacan focaliza o Poder, ao qual dá especial atenção, incluindo a dialética de Hegel para a compreensão da relação escravo-senhor. Ele aborda o tema em pelo menos oito de seus seminários.

Por outro lado, as transformações sociais e políticas da modernidade criaram uma observação mais crítica e às vezes inconformada com o exercício do poder. Mas a grande marca ficou com a concepção da expressão servidão voluntária, de Boétie, no século XVI, que deu nome a uma das grandes inquietações humanas que exigia a conformação com o inconcebível. Expressão da maior pertinência, sugere a vergonha e a revolta do servir (servidão) como ato voluntário, ou seja, o desejo que leva à humilhação. Isto nos transporta para a compreensão do poder-submissão como complementares, como estabeleceu Hegel na dialética do senhor e do escravo, ou como a psicanálise interpretou o pacto masoquista - submissão - em que a pulsão original primária e a morte e sua inversão produz o sadismo - domínio (BIRMAN).

A incidência do poder na psicanálise abre inúmeras possibilidades de pesquisa ou investigação para a nossa jornada. Para sintetizar diríamos, com Bertrand Russel: "o conceito fundamental na ciência social é o Poder, no mesmo sentido em que a energia é o conceito fundamental na física".

Carlos Pinto Corrêa

Em busca do poder

Carlos Pinto Corrêa*

Unitermos: Poder; filosofia; sintoma; angustia; alienação.

Resumo

O autor chama atenção para a questão do poder, que tantas vezes se apresenta como o bem supremo ou a possibilidade de obturação das faltas humanas irrecuperáveis. Aproximando este suposto poder da abordagem existencialista, fica estabelecida a crítica da alienação de repetições que sugerem a liberdade para o sujeito.

O filósofo Bertand Russel¹ (1956, 1957), sem os recursos da psicanálise para tomar como assentada a questão da falta, inicia o tema da completude pelo desejo do homem de ser feliz. Enquanto os animais parecem contentes com a existência e a reprodução, os homens querem engrandecer e, seus desejos, a este respeito, só são limitados pelo que a imaginação sugere como impossível. Todo homem gostaria de ser Deus, e alguns poucos acham difícil admitir tal incapacidade. A aceitação de um deus como o poder supremo (quem pode tudo) indica a limitação do poder humano que ele recusa admitir. A combinação titânica de nobreza e inspiração dos grandes conquistadores pode ser encontrada em todos os homens. Daí a concorrência, a necessidade de compromissos e de governo, o impulso à rebelião, com a instabilidade, as violências periódicas e a necessidade de moralidade para reprimir a auto-afirmação. É como estamos acostumados a ler na segunda tópica da teoria freudiana sobre os impulsos do Isso (Id), ante os avatares do supereu, criando uma resultante razoável para o Eu. E mais, de Lacan podemos tomar a origem do desejo - na

falta - cuja satisfação é impossível.

Embarcando na concepção de Poder inicialmente ligada ao social e ao mundo das relações, o filósofo segue no que chama de "desejos infinitos do homem", representados pelo poder e pela glória. Ambos serão expressos nas relações de líderes e adeptos ou nas diversas formas de poder, sacerdotal, místico, dos reis, revolucionário, econômico, ou até o chamado poder nu, exercido independentemente da aquiescência do súdito, como o do vencedor sobre o vencido.

Marx acreditava que o desejo de conforto material, quando separado do poder e da glória, era finito e podia ser amplamente satisfeito. Ele considerava que os desejos realmente custosos não eram ditados pelo amor ao conforto material. Perdido na teoria econômica, ele explicou superficialmente a questão da causa do desejo e da repressão.

SINTOMA - PODER

Além da observação do Poder como fenômeno, a psicanálise vai interessar-se sobre o que se passa no sujeito pela experiência ou exercício

*Psicanalista, membro fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia. Trabalho apresentado na XXII Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia.

desse poder e da sujeição ou submissão. A dialética das posições escravo-senhor não deriva de uma condição fortuita, mas de uma relação complementar. Só existe um pela existência do outro, a ponto de chegarmos a um dilema, se é a submissão que gera a autoridade ou, ao contrário, é a autoridade que gera e impõe a submissão. Mas o homem está intrinsecamente marcado, desde sua origem, pelos mecanismos do poder. Para nós, não se trata, entretanto, do exercício de alguma supremacia até a conquista da glória, mas, basicamente, um motivo da infelicidade humana. Pela incompreensão de um sentido maior para existir, pela impossibilidade de atender às suas demandas internas e tributárias permanentes do desprazer chamado angústia da castração, o homem tem sua existência sinalizada pela insuperável impotência. Diante do irremediável, ele vai à busca desesperada do poder ou da ilusão de ascensão social e cultural que lhe são enganosamente oferecidos.

Historicamente, seguindo o modelo médico inicial de Freud² (1976a), encontramos os sintomas, o que aparece da doença, objeto da queixa imediata do sofrimento humano e alibi para suas derrotas. É o grito do sujeito que se diz sofrendo. Entretanto, os sintomas não se limitam à queixa do neurótico e nem sempre induzem a uma demanda ou ação para busca de alívio. Em "Inibições sintoma e ansiedade" (FREUD, 1976a) aprendemos que o sintoma pode aparecer em

relação com o sujeito ou como um corpo estranho incrustado ou incluído na satisfação narcisista. Há o sintoma em que o Eu padece, de início sugerindo um incômodo ou um sofrimento, mas que, de certa maneira, passa a se confundir como parte do Eu. Até que ocorra uma primeira desestabilização da relação do sujeito com seu sintoma, o Eu estará bem, não demandando qualquer revisão crítica sobre si mesmo.

Nós, psicanalistas, tomamos o sintoma, não pelo que ele provoca na perturbação do sujeito consigo mesmo ou com o outro. O sintoma em psicanálise é uma manifestação da estrutura do aparelho psíquico que Freud³ descobriu a partir da escuta das histéricas. A idéia de um possível tratamento psicanalítico a partir da demanda é o reconhecimento parcial da disjunção entre o Eu e o Inconsciente, ou a identificação do sujeito com os sintomas e seu aprisionamento na repetição de um gozo.

Este é um ponto de partida para se pensar na importância do sujeito perante os poderes que o dominam. O analista surge como um intermediário que pode restabelecer uma hierarquia mais favorável ao sujeito, tornando-o menos vulnerável às pulsões e ciladas do seu inconsciente.

A observação clínica mostra como a angústia é o eixo fundamental na demanda de análise por representar uma barreira misteriosa (incompreensível) no autoentendimento e na impossibilidade de constituição do sujeito. Ela é "algo sentido (*etwas Empfundenes*) na ordem do

¹RUSSEL, Bertrand. O poder uma nova análise social. São Paulo: Nacional, 1957; e A Autoridade e o indivíduo. São Paulo: Nacional, 1956.

²FREUD, S. Inibições, sintoma e ansiedade [1925]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XX.

³FREUD, S. Estudos sobre a histeria [1895]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. II.

desprazer" e, segundo Freud⁴ (1976b), um estado afetivo provocado por um acréscimo de excitação que busca alívio por uma ação de descarga. Ela, porém, ataca com quase violência, e a saída disponível é inicialmente a fuga (fugir, escapar, perder-se) para tentar obter uma reparação mágica. Dir-se-ia tratar-se da impotência em obter o necessário alívio ante significantes deslocados que ameaçam e surpreendem, que se vinculam a objetos reais imperdíveis ou às faltas internas.

Na sequência, "As Neuropsicoses de Defesa"⁵ (FREUD, 1976c), "Estudos sobre a Histeria" (FREUD, 1969), dos primeiros trabalhos sobre a neurose obsessiva às conclusões de "Inibições sintoma e ansiedade" (FREUD, 1976a) dos aportes da segunda tópica, aprendemos como, diante do sentimento de culpa e da pulsão de morte, é a fobia que melhor explicará as relações entre a angústia e o sintoma. É a fobia que consegue realizar o compromisso de satisfação esperada entre a reivindicação pulsional e a organização do Eu. Surge, então, a inibição, que Freud definiu como uma limitação que o Eu impõe para não despertar o sintoma da angústia. Dito de outro modo, criada a ilusão que o sujeito tem de conhecer a origem do seu mal, pela função de ligação da excitação libidinal, o sintoma torna-se inútil e, portanto, a manifestação da angústia com relação com o verdadeiro perigo pulsional.

Falando-se do poder, verificamos que o sintoma, a angústia ou a inibição conduzem

o sujeito ao desamparo diante de si mesmo, à impotência de manter o controle e usar seu poder egoico para obter descargas mais favoráveis.

A ONDE VAI A ANGÚSTIA APÓS O TÉRMINO DA ANÁLISE?

Desde os primórdios do atendimento clínico em psicanálise, discute-se quanto ao objetivo do tratamento, ou a direção da cura: o que pretendem os analistas e o que obtêm os clientes, ou, de maneira mais instigante, o que Freud queria de seus clientes?

De início, houve o equívoco de submeter as pessoas em tratamento ao desejo do analista, o que levou os pós-freudianos a um abuso de poder pela imposição de padrões ou traços fundamentais que o indivíduo analisado deveria adquirir em seu tratamento. Mesmo retificada essa questão, ainda é válido pensar sobre o desejo do analista no final de análise. Freud, Abraham, Balint, Caruso e Lacan divergem muito sobre a pretensão do nosso trabalho ou qual seria a direção da cura⁶ (CORRÊA, 1989). Enquanto Balint imaginava a supressão da falta no paciente, reconheceu-se depois o sentido do espaço vazio, elemento essencial da estrutura psíquica. Caruso propunha a Personalização Progressiva. Lacan, em *Televisão*⁷ (1993), comenta o paradoxo em Freud quando mostra que a pulsão sempre se satisfaz. Ele garante que a condição da falta jamais será resgatada ao dizer que "O desejo só se mantém pela

insatisfação que lhe é trazida ao se furtar ali como objeto"⁸ (LACAN, 1998).

Hoje, pensamos que, mesmo após a travessia do fantasma, com o final de análise, ou, se preferem, com a constituição do Sujeito, há sempre o encobrimento do gozo. "O ganho será a descoberta que o Outro do gozo não existe. Isto coloca duas questões impossíveis: o saber é incompleto (não todo) e o gozo é também barrado"⁹ (MONSENY, 1992).

Na verdade, a psicanálise, pela suposta cura, não confere ao sujeito o poder absoluto sobre si mesmo. A ação recíproca da angústia e do sintoma está ligada à excitação libidinal e ao perigo pulsional. Os dois fenômenos são intercambiáveis (substituem-se mutuamente), podendo chegar até a criação dos rituais obsessivos. Estudando o Pequeno Hans, Freud se aproximou do perigo externo e pensou na angústia real, que, em vez da ameaça externa reclamada, estaria ligada à castração. Por sua vez, esta angústia da castração seria uma substituição da angústia do nascimento. Lacan mostra que a libido, não se investindo no nível especular, permanece irreduzível no nível do corpo, isto é, no nível do narcisismo primário.

Como vemos, a partir da perda do legado mítico de apaziguamento absoluto das tensões, institui-se uma relação com a perda total, que é a morte.

Do nascimento à perda do amor parental, à castração, à ameaça do real até o "Mal-estar na Civilização"¹⁰ (FREUD, 1976d), o indivíduo tenta reagir

sem êxito às suas dificuldades autodestrutivas. Na verdade, a figura da morte se perfila como último recurso na repetição de uma infeliz fatalidade.

Freud¹¹ (1976e) diz que a angústia de morte situa-se no jogo entre o Eu e o Supereu, mas conclui que a angústia de morte reencontra a angústia primitiva ligada ao desamparo da criança. Há uma retroalimentação da angústia de morte sobre a angústia do nascimento.

A angústia desafia qualquer objeto a dissimular a divisão constitutiva do sujeito; isto só faria evidenciá-la, e é por isso mesmo que ela significa a impossibilidade do acesso à certeza de uma causa última.

A psicanálise, quando trata da angústia de morte, se distancia da questão propriamente da morte, que é exatamente a certeza disponível mais evitada que o homem possui.

A morte é o ponto em que todo poder humano se desfalece pela impossibilidade do seu adiamento, do retorno à vida ou de seu controle. É o ponto final, a verdadeira liquidação dos restos não simbolizados do sujeito constituído ou analisado.

Além ou aquém da psicanálise, a filosofia tem-se ocupado da reflexão sobre o sentido de viver. A morte como o ato final de nossa vida não pode ser negada, embora o homem comumente se aliene em outras questões que desviam sua atenção da verdade inexorável: o homem é um animal triste porque sabe que vai morrer, como dizem os existencialistas. O homem se exercita para encontrar o poder de negar a sua impotência.

Há o foco na extrema subjetividade proposta pela psicanálise diante da experiência de viver. Esta subjetividade possui inegável valor como instrumento clínico, mas filosoficamente nos cria embaraços sobre a questão da contingência. Sartre¹² (JEASON, 1965) lembra que o ser contingente é a Carne e é a Vida-que-passa, o sonambulismo do comportamento social.

A contingência é uma condição decisiva ou limitadora para aquilo que a psicanálise tem como fundamental, que é o desejo. "O desejo compromete-me; sou cúmplice do meu desejo". Para o bastardo, o desejo é a adesão à carne e ao torpor coletivo. Entre a submissão ou consentimento do desejo, ou como expressão mais exterior da falta, pode o sujeito perder-se sem esperança na contingência. É possível que descubra uma réstia de luz no fim do túnel, como um sonho de liberdade. Mas a liberdade não é um bem como idealisticamente se pensa, é, antes de tudo, uma ameaça. Abstrata e absoluta, pode ser pensada como divisão entre o desejo e o ser. Deve-se levar em conta, entretanto, que apenas em algumas situações especiais o homem pode experimentar a liberdade: quando ele escolhe a si próprio.

No teatro, Sartre mostra que, em situações simples e humanas, ocorrem escolhas e, pela livre decisão, vive-se o momento marcante de liberdade. Mas as contingências da vida desfazem estes pretendidos e preciosos momentos.

Como ilustração, podemos

⁴ FREUD, S. Conferências introdutórias sobre Psicanálise [1916]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XV.

⁵ FREUD, S. As neuropsicoses de defesa [1894]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.III; Estudos sobre a histeria, op. cit.

⁶ CORRÊA, Carlos Pinto. Da regressão à cura. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, Círculo Brasileiro de Psicanálise, 1989. v.12,

⁷ LACAN, J. Televisão [1974]. Rio de Janeiro: Campo freudiano no Brasil; Jorge Zahar, 1993.

⁸ LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo [1958]. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁹ MONSENY, J. As transformações do sintoma. Texto apresentado a Seminário realizado em Salvador em março de 1992. Inédito.

¹⁰ FREUD, S. Mal-estar na civilização [1930]. In: _____. Edição standard brasileiras das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976 v.XXI.

¹¹ FREUD, S. O Ego e o Id [1923]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976 v.XIX.

¹² JEASON, Francis. Sartre por ele próprio. Lisboa: Portugalia Editora, 1965.

tomar, entre tantas outras, o teatro de *Os Dados Estão Lançados*¹³ (SARTRE, 1963), que mostra a contingência como inexorável determinante do sentido e dos caminhos do homem. A situação morta foi descrita em *Entre Quatro Paredes*¹⁴ (1977), de 1945, que não trata da morte propriamente dita, mas do determinismo aprisionador e insolúvel criado pelos personagens. Ao contrário de algumas escolhas que produzem a liberdade, outras aprisionam para sempre. Na peça, estar morto é não ser nada para si.

Em *Os Dados Estão Lançados*, de 1947, o tema parece recortado de um belo mito platônico: o mito de ER o Panfílio - de nada serve recomeçar uma vida se não se consegue modificar o comportamento. É um jogo em que se pergunta se o homem teria o poder de retificar suas decisões tomadas e mudar o seu destino.

Sartre toma dois indivíduos, Eva e Pedro, pertencentes a duas classes em luta e que fazem uma relação viciada desde a origem. Ambos têm o sentimento de serem feitos um para o outro, mas são submetidos a contingências que tornam a união impossível. A morte acontece para selar o fracasso daquilo que podia ter sido uma bela história de encontro. O casal obtém uma segunda chance, retomando suas vidas em um ponto antes das escolhas desastradas. Vivem a ilusão de que "agora tudo será diferente". Em circunstâncias muito semelhantes, a história caminha

inexoravelmente para a repetição, que redundando em novo fracasso e, conseqüentemente, a morte, ou a falência final da busca de poder. Seria o triunfo do destino?

Enquanto vivos, para suportar a posição entre necessidade do ser e a absurda inconsistência da vida, pode-se tentar uma equivalência dos opostos entre a literatura, a psicanálise e a religião, conforme Sartre¹⁵ (JEASON, 1965).

Existe a vida conformista do dia a dia para se colher novas experiências, como se o presente fosse eterno. Não chega a ser um momento de liberdade, mas serve para esquecer a própria impotência. Alfa e ômega, princípio e fim, nascimento e morte: acontecimentos reveladores da impossibilidade do poder sobre nós mesmos.

¹³ SARTRE, J-P. Os dados estão lançados [1947]. Lisboa: Editora Presença, 1963.

¹⁴ SARTRE, J-P. Entre quatro paredes [1945]. São Paulo: Abril, 1977.

¹⁵ JEASON, Francis. Sartre por ele próprio, op. cit.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Carlos Pinto. Da regressão à cura. In: *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, Círculo Brasileiro de Psicanálise, v.12, 1989.
- FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa [1894]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 v.III,
- _____. Estudos sobre a histeria [1895]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 v.II,
- _____. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (o pequeno Hans) [1909]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.X,
- _____. Conferências introdutórias sobre Psicanálise [1916]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XV, p.00-00.
- _____. O Ego e o Id [1923]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XIX,
- _____. Inibições sintomas e ansiedade [1925]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XX,
- _____. Mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Imago, 1974. v.XXI
- LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Televisão* [1974]. Rio de Janeiro: Campo freudiano no Brasil; Jorge Zahar, 1993.
- JEASON, Francis. *Sartre por ele próprio*. Lisboa: Portugalia Editora, 1965.
- MONSENY, J. As transformações do sintoma. Texto apresentado em Seminário realizado em Salvador em março de 1992. Inédito.
- RUSSEL, Bertrand. *A autoridade e o indivíduo*. São Paulo: Nacional, 1956.
- _____. *O poder uma nova análise social*. São Paulo: Nacional, 1957.
- SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes* [1945]. São Paulo: Abril, 1977.
- _____. *Os dados estão lançados* [1947]. Lisboa: Editora Presença, 1963.

IN SEARCH OF POWER

Keywords: power; philosophy; symptoms; anxiety; disposal.

Abstract

The author draws attention to the question of power, which often presents itself as the supreme good or the possibility of fulfillment of the human's stranded faults. Since this alleged power of the existentialist approach, is established to the critique of alienation of repetitions that suggest freedom for the individual

Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu.

Denise Maria de Oliveira Lima*

Unitermos: poder; campo; produção cultural; espaço social; lutas concorrenciais.

Resumo

Pretendo apresentar, neste trabalho, algumas pistas da complexa rede teórica de Pierre Bourdieu sobre o poder, o qual está sempre presente e imiscuído nos campos de produção intelectual, científica e artística (campo cultural). Para este sociólogo francês, as relações de poder, explícitas ou implícitas, conscientes ou inconscientes, permeiam todas as relações humanas, em todos os campos que fazem parte do espaço social.

Para tanto, tentarei dar uma idéia de sua teoria dos campos, que constituem a pluralidade dos mundos possíveis no espaço social em que vivemos, com suas lógicas e com suas leis próprias de funcionamento, apesar de suas especificidades. Mas há invariantes, ou homologias, na estrutura de todos os campos: as lutas concorrenciais, ou seja, a luta pelo poder, que não é o poder político. No campo cultural, o poder diz respeito à disputa pela autoridade, pela legitimidade, pela autenticidade e pelo domínio dos signos, dos sentidos, das interpretações.

*Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico da Bahia, Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e Doutora em Ciências Sociais (UFBA).

Bourdieu inicia seu trabalho intitulado *Campo de poder, campo intelectual* com uma epígrafe em que cita Proust (*Sodoma e Gomorra*): "As teorias e as escolas, como os micróbios e os glóbulos, se devoram entre si e com sua luta asseguram a continuidade da vida" (BOURDIEU, 1983, p. 8).

O conceito de *campo intelectual* marca uma ruptura na sociologia da cultura: foi construído por Pierre Bourdieu (1930-2002) a partir de suas investigações sobre o sistema escolar francês, a formação das elites intelectuais, a percepção artística e as formas de consumo estético e, principalmente, sobre o processo de autonomização do campo literário, modelo inicial de seu pensamento sobre a autonomia relativa dos campos.

O campo intelectual, campo de produção de bens simbólicos, dentre outros campos do espaço social, permite compreender um autor ou uma obra, ou ainda, uma formação cultural, em termos que transcendem a visão substancialista, não relacional (a que considera o autor ou a obra em si mesma) bem como a visão estruturalista (a que considera apenas os determinantes

sociais da produção).

Bourdieu sustenta que um criador e sua obra são determinados pelo sistema das relações sociais, nas quais a criação se realiza, como um ato de comunicação e pela posição que o criador ocupa na estrutura do campo intelectual - este irreduzível a um simples agregado de agentes ou instituições isoladas. O campo intelectual, ao modo do campo magnético, constitui um sistema de linhas de força: os agentes e instituições estão em uma relação de forças que se opõem e se agregam, em sua estrutura específica, em um lugar e momento dados no tempo.

Cada um deles (agentes e instituições) está determinado por sua pertença a este campo, ou seja, à posição particular que ocupa, em especial a um tipo determinado de participação no campo cultural como sistema de relações entre os temas e os problemas e, por isso, a um tipo determinado de *inconsciente cultural*. O seu poder no campo não pode definir-se independentemente de sua posição no campo.

Tal enfoque só tem fundamento na medida em que o campo intelectual (e por isso, o campo cultural) esteja dotado de

uma autonomia relativa, ou seja, que tenha se constituído, por um processo de autonomização, em um sistema regido por leis próprias.

A história da vida intelectual se definiu por oposição ao poder econômico, ao poder político e ao poder religioso, ou seja, a todas as instâncias que podiam pretender legislar, em matéria de cultura, em nome do poder de uma autoridade que não fosse intelectual. Dominada durante toda a idade clássica, por uma instância de legitimidade exterior, a vida intelectual se organizou progressivamente em um campo intelectual, à medida que os criadores se libertaram, econômica e socialmente, da tutela da aristocracia e da igreja e de seus valores éticos e estéticos. E também à medida que foram aparecendo instâncias de consagração e reconhecimento propriamente intelectuais, as quais cumprem a função de legitimidade cultural (mesmo quando os produtores ficam subordinados às restrições econômicas e sociais que pesam sobre a vida intelectual).

Assim, à medida que se multiplicam e se diferenciam as instâncias de consagração intelectual e artística, tais como as escolas, as academias, os salões, as associações científicas e culturais, e, também, as instâncias de difusão cultural, tais como as editoras, a imprensa, os museus etc., e também à medida que o público se estende e se diversifica, o campo intelectual torna-se um sistema cada vez mais complexo e mais independente das influências externas.

Weber (2004), de cuja obra

Bourdieu se apropriou, entre outros tantos pensadores, para formular os seus conceitos, trata desse assunto: seu conceito de secularização diz respeito aos processos de autonomia progressiva do campo da ciência e da arte em relação aos cânones religiosos, dominantes por séculos.

Mas o que vem a ser esse campo do poder que permeia todos os outros campos? Não é o poder político!

Temos que nos remeter ao conceito de "campo" para depois compreender o que é esse poder do qual não há possibilidade de escapar.

Já apresentei um trabalho sobre a teoria dos campos, em Bourdieu, e a psicanálise, intitulado "Uma abordagem sociológica para a constituição, legitimação e autonomização da psicanálise como um campo", que foi publicado num livro organizado por Angélica Teixeira, *Especificidades da ética da psicanálise*, em 2005.

É um trabalho tão maçante quanto interessante, fundamentado, entre outros textos de Bourdieu, por sua *Regras da arte - Gênese e estrutura do campo literário* (1992), em que ele analisa um romance de Flaubert, *Educação sentimental*, para mostrar como o campo da literatura foi ganhando sua autonomia relativa. Autonomia em relação aos cânones da aristocracia e da igreja. Relativa porque ainda depende do campo do poder.

A teoria dos campos diz respeito à pluralidade dos aspectos que constitui a realidade do mundo social, a pluralidade dos mundos, pluralidade das lógicas que correspondem aos diferentes

mundos, aos diferentes campos como lugares onde se constroem sentidos comuns. Diz Bourdieu:

Compreender a gênese social de um campo e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (BOURDIEU, 1998, p. 69. Grifo da autora).

Conceito básico na obra de Bourdieu, o campo é o espaço de práticas* específicas, relativamente autônomo, dotado de uma história própria; caracterizado por um espaço de possíveis, que tende a orientar a busca dos agentes, definindo um universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais - todo um sistema de coordenadas, relacionadas umas com as outras, que é preciso ter em mente (não quer dizer na consciência) para se entrar no jogo. Entrar no jogo é manejar esse sistema de coordenadas.

O campo é estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições, que determinam a forma de suas interações; o que configura um campo são as posições, as lutas concorrenciais e os interesses.

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las,

que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, p. 61).

Um campo faz parte do espaço social - e, portanto, toma dele as suas características - conceito que Bourdieu descreve como espaço de posições dos agentes e das instituições que nele estão situados, que, a depender do peso e do volume global dos capitais que possuem, são distribuídas em posições dominadas e dominantes. Os mais importantes em nossa cultura: o capital econômico, o capital simbólico e o capital cultural.

A par das propriedades específicas de cada campo - da literatura, da filosofia, da ciência e da psicanálise - existe também uma homologia, tanto estrutural quanto de funcionamento, no sentido de invariantes, de lógicas de constituição e de transformação comuns a todos os campos.

O campo é sempre caracterizado pelas lutas concorrenciais entre os agentes, em torno de interesses específicos. Por exemplo, no campo da ciência as lutas concorrenciais acontecem em torno da autoridade científica; no campo da arte, em torno da legitimidade (ou autenticidade) dos produtos artísticos; no campo da psicanálise, em torno da autoridade psicanalítica (ou seja, quem tem autoridade para falar da psicanálise, para ser psicanalista) - que foi delegada, inicialmente pela autoridade maior, Freud, e, depois, por seus discípulos e as instituições que criaram, os quais fizeram parte da

história da constituição desse campo.

O caso da psicanálise pode ser considerado *sui generis*, porque foi uma invenção sem precedentes, e, portanto, fundada inicialmente sobre uma única autoridade, a de Freud. Poder-se-ia dizer que a psicanálise já nasceu com relativa autonomia, pois, desde seu início, encontrava-se independente com relação à medicina, ao estado, às universidades e... por completo do mercado e da moral vigente da época.

Essas lutas concorrenciais ocorrem tanto no interior de cada campo como externamente, em relação a outros campos. Quando se fala de luta, de divisão em campos antagônicos, de jogo, quer-se dizer a relação a um poder. O campo é estruturado a partir das relações de poder, que se traduz em uma oposição de forças, distribuídas entre posições dominantes e posições dominadas, segundo o capital simbólico, econômico e cultural dos agentes e instituições.

O campo de poder, que não se confunde com o campo político, é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou entre os agentes providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo. No caso da psicanálise, dois tipos de capital se têm em conta, principalmente: o cultural e o simbólico. O capital econômico dos agentes e instituições, embora possa ter algum peso, não tem nenhuma relevância no campo da psicanálise.

A depender da posição que ocupam na estrutura do campo, ou seja, na distribuição do capital simbólico específico, os agentes usam de estratégias, que são tomadas de posição, que podem ser de legitimação (conservação)

ou de subversão, estas em confronto permanente com as forças de conservação - o que não implica em mudanças dos princípios de poder que estruturam um campo. Poderíamos dizer que Lacan, dotado de capital simbólico e cultural significativo, subverteu as regras do jogo, até então dominadas pela IPA, e foi seguido por seus discípulos, em permanentes lutas concorrenciais pela legitimidade de seu legado.

Perpetuar ou subverter as regras do jogo, através das estratégias dos agentes, é uma tendência que passa pela mediação de seus habitus. Habitus é uma noção primordial na sociologia de Bourdieu, que diz respeito aos sistemas de percepção, de apreciação, de gosto, ou como princípios de classificação incorporados pelos agentes a partir das estruturas sociais presentes em um momento dado, em um lugar dado, que vão orientá-los em suas ações.

Essas estratégias também dependem do espaço de possibilidades herdado de lutas anteriores (história do campo) que tende a definir os espaços de tomadas de posição possíveis e orientar assim a busca de soluções e, conseqüentemente, a evolução da produção do campo.

Vemos que a relação entre as posições e as tomadas de posição nada tem de uma determinação mecânica: cada produtor, artista, psicanalista, cientista, constrói seu próprio projeto criador em função da sua percepção das possibilidades disponíveis, oferecidas pelas categorias de percepção e apreciação inscritas em seu *habitus*. Segundo Bourdieu,

[...] para resumir em poucas fra-

ses uma teoria complexa, eu diria que cada autor, enquanto ocupa uma posição no espaço, isto é, em um campo de forças [...] só existe e subsiste sob as limitações estruturadas do campo; mas ele também afirma a distância diferencial constitutiva de sua posição, seu ponto de vista, entendido como vista a partir de um ponto (BOURDIEU, 1996, p. 64).

O campo estabelece as modalidades de consagração e reconhecimento, o que confere sua relativa autonomia - os critérios não são impostos de fora, pelo estado ou pelo mercado, por exemplo, mas são constituídos a partir de dentro, o que permite que se regule a si mesmo.¹

O processo de autonomização do campo é resultado de um lento trabalho de "alquimia" histórica; através da análise da história do campo é que se obtém a análise de sua legítima existência. No caso da psicanálise, pode-se analisar o que é teoria psicanalítica e o que não é teoria psicanalítica somente a partir do processo de autonomização do campo de produção da psicanálise que, como vemos, se refere ao seu desenvolvimento histórico, com suas dissidências, rupturas, enfim, lutas concorrenciais, oposição de forças, jogos de poder.

A análise das relações entre o campo literário (etc.)² e o campo do poder, que acentua as formas, abertas ou ocultas, e os efeitos, diretos ou indiretos, da dependência, constitui um dos efeitos maiores do funcionamento do campo literário (etc.) como campo:

Não há dúvida que a indignação moral contra todas as formas de submissão aos poderes ou ao mercado [...] desempenhou um

papel determinante [...] na resistência cotidiana que conduziu à afirmação progressiva da autonomia dos escritores; é certo que, na fase heróica da conquista da autonomia, a ruptura ética é sempre, como bem se vê em Baudelaire, uma dimensão fundamental de todas as rupturas estéticas (BOURDIEU, 1992, p. 106. Tradução da autora).

Os critérios de autenticidade do produto cultural são baseados no desinteresse econômico: ato puro de qualquer determinação que não seja a intenção estética (etc.). O que não significa que aí não exista uma lógica econômica, uma ausência total de contrapartida financeira, mesmo porque os lucros simbólicos (prestígio, por exemplo) são suscetíveis de serem convertidos em lucros econômicos.

Segundo o princípio de hierarquização externa, o critério de êxito é medido pelos índices de sucesso comercial e de notoriedade social - aí incluídas as regras do mercado. Tal princípio rege a produção da indústria cultural.

Segundo o princípio de hierarquização interna, o grau de consagração é medido pela não concessão à demanda do grande público, o desprezo pelas sanções do mercado: os artistas, bem como os psicanalistas, são reconhecidos pelos seus pares.

O grau de independência ou de subordinação constitui o indicador mais claro da posição ocupada no campo: aqueles que pretendem independência só podem consegui-la construindo o campo, revolucionando o mundo da arte (etc.) indiferente às demandas da política, da economia e da moral vigente, ou seja, reconhecendo apenas as normas específicas da arte etc.

¹O recurso à teoria da autonomização dos campos é muito útil para se pensar a questão da regulamentação da Psicanálise no Brasil, no sentido de que as instituições psicanalíticas têm suas próprias regras (de ingresso, formação etc.) as quais teriam apenas que ser transformadas em leis.

² Os "etc." que aparecem, algumas vezes, depois do "campo literário" diz respeito a todos os outros campos, inclusive o campo da psicanálise.

Bourdieu faz uma interessantíssima análise de Flaubert e sua *Educação sentimental*, no livro que citei antes, para mostrar como a literatura foi se constituindo como um campo independente e relativamente autônomo.

Ele traz, em seu texto *Campo de poder, campo intelectual*, a título de ilustração da posição do criador no espaço social, Alain Robbe-Grillet, escritor e cineasta francês (*O ano passado em Marienbad*) associado ao movimento do *nouveau Roman*; Alexander Pope, Chaucer, Shakespeare, Byron, Shelley, Keats, Valery e, no campo da música, Debussy, Wagner e o jazz, para analisar os diferentes subcampos da arte e sua relação com o campo de poder.

Menciono rapidamente tudo isso para instigar aqueles que têm interesse em se aprofundar na rede teórica de Bourdieu e em seu conceito de campo do poder, com profundas, complexas e diversíssimas implicações no campo intelectual.

Fiquei intrigada com o termo "inconsciente cultural", que faz parte da rede sobredeterminada de conceitos de Bourdieu para tratar das determinações do campo intelectual, ou seja, por que uma obra aparece e outra não, por que uma obra que aparece sobrevive e outra não, no intrincado mundo social - espaço social - composto por vários tipos de público, de difusão para cada público etc.

Diz Bourdieu que o intelectual está situado histórica e socialmente - já que faz parte de um campo intelectual, por referência ao qual seu projeto criador se define e se integra, - na medida em que é contemporâneo daqueles com quem se comunica e a quem dirige a sua

obra, recorrendo a todo um código que tem em comum com eles: temas, problemas, formas de raciocinar, formas de percepção etc. Suas eleições intelectuais ou artísticas, conscientes e inconscientes, estão sempre orientadas por sua cultura e seu gosto, ou seja, interiorizações dos valores de uma sociedade, de uma época e de uma classe.

Diz ele, a respeito do criador, em síntese: a cultura que incorpora - sem sabê-lo - em suas criações, constitui a condição de possibilidade da concretização de uma intenção artística (ou científica) em uma obra, pela mesma razão que a língua como "tesouro comum" é a condição da formulação da palavra. São os gostos, as formas de pensar, as formas de lógica, os traços estilísticos, a tonalidade de humor que colore as expressões de uma época, que contém as marcas do campo cultural.

Em outras palavras, os que se apropriam de um pensamento, pensando que é o seu próprio, estão, na verdade, imersos em um inconsciente cultural de uma época, de um sentido comum que faz possíveis os sentidos específicos nos quais se expressa. A relação que o intelectual sustenta com a escola e com seu passado escolar tem um peso determinante no sistema de suas eleições intelectuais inconscientes. E ficam predispostos a manter com seus iguais uma cumplicidade, com os quais compartilham lugares comuns, não somente um discurso e linguagem comuns, mas também campos de encontro e de entendimento, problemas comuns e formas comuns de abordar esses problemas comuns.

Se podem ou não estar em desacordo sobre os objetos em torno dos quais disputam, ao

menos estão de acordo em disputar em torno dos mesmos objetos.

As operações intelectuais - que não são conscientemente apreendidas e controladas - são advindas de sua sociedade e de sua época, ou seja, do inconsciente cultural historicamente datado e situado.

O que falei hoje para vocês é resultado de uma síntese do pensamento (e do estilo) de Bourdieu ou convite... melhor convite, para apresentar - e instigar para - a sua complexa rede teórica sobre o espaço social em que vivemos, os campos que dele fazem parte, e seu conceito de poder, que tudo permeia!

Na verdade, a dimensão social do indivíduo que produz suas obras deve ser articulada com a dimensão psíquica, singular, estudada pela psicanálise. Diálogo necessário entre a psicanálise e a sociologia!

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

_____. *Cosas dichas*. Buenos Aires: Gedisa, 1988.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Pref. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Pref. Sérgio Miceli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.

_____. *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

_____. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Folios, 1983.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). *Pierre Bourdieu*. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

LIMA, Denise M. de Oliveira. Uma abordagem sociológica para a constituição, legitimação e autonomização da psicanálise como um campo. In: TEIXEIRA, A. (org). *Especificidades da ética da psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2005.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. Vol. I. São Paulo: UnB, 2004.

THE FIELD OF POWER, ACCORDING TO PIERRE BOURDIEU

Key words: Power; field; cultural production; social space; concorrential fights.

Abstract

My intention with this work is to briefly present some hints from the complex theoretic network from Pierre Bourdieu, which covers the power, which is always present and embedded on the fields of intellectual, scientific and artistic production (cultural fields). For this French Sociologist, power relations, explicit or implicit, conscious or unconscious, permeate all human relations in all fields and practices that are part of social space. To get there, I intend to provide an idea of his fields theory, which constitute the plurality of all worlds possible in the social space in which we live, with their logic and its own laws of functioning, although their specificities. But there are invariant, or homologies in the structure of all fields: the competitive struggles, namely the struggle for power, which is not political power. In the cultural field, the dispute concerns the power of authority, legitimacy, authenticity and the control of signs, meanings and interpretations.

A formação do eu e o poder da psicanálise

Gabriel Ferreira Câmara*

Unitermos: Eu; dinâmica; função; origem; poder; repressão.

Resumo

O autor faz uma revisão do conceito de Eu, tanto na teoria de Freud, quanto na de Lacan. Investiga a origem dessa instância, de acordo com a visão destes dois estudiosos, e ressalta as diferenças existentes entre as duas teorias. Finaliza o artigo discorrendo sobre a função e a dinâmica do Eu numa análise.

Início com o caso de uma jovem que procura o tratamento psicanalítico em momento de grande angústia. Nas primeiras sessões, fala dos principais motivos que a instigaram a se analisar: seu sentimento de inadequação e de inferioridade. Queixa-se pelo fato de não se sentir bem em nenhum lugar, que sempre está aquém, inferior aos outros, não consegue agradar, por isso foge amiúde das situações sociais. Ela diz que sempre foi muito criticada pelos pais: "Meu pai dizia que eu tinha as coisas ruins de minha mãe, e minha mãe dizia que eu tinha as coisas ruins de meu pai. Eu sou um lixo". Na sessão seguinte, o mesmo mal-estar se manifesta em sua fala e, já no final ela afirma: "Eu sou assim mesmo, herdei o lado ruim de minha mãe e de meu pai". Mas, na afirmação, também havia uma questão que se inferia. Perguntei então: "Será que é mesmo?" Ela silenciou por alguns instantes, depois disse: "Eu só consigo me ver assim, aliás, tem sido assim há muito tempo, é muito difícil mudar".

Com esta paciente, o início da transferência foi possível por essa via: havia, enfim, um lugar onde ela podia sentir-se melhor,

onde sua fala podia ser aceita sem ser criticada, o consultório de seu analista.

Não vou tratar do desenrolar dessa análise, mas o engodo fica evidente: a jovem não está nem um pouco satisfeita com a imagem que tem de si, e, apesar de não ter plena consciência, percebe que se relaciona com os outros através de seu discurso de semblante. Há algo de si que deseja apreender, que está além deste "eu sou assim".

Mas o além deste "eu sou assim", com essas qualidades e esses defeitos, é justamente o problema, ir para o desconhecido, além do sujeito que se manifesta no Eu - então, ela se defende perante a eminência da castração.

É que a analisanda em questão mantém um vínculo afetivo ambíguo e intenso com sua mãe fálica, que se torna mais próximo ainda pelo fato de seu pai ser um homem bastante ausente em sua vida, um "nada", como ela mesma diz. Esta mãe é uma mãe-fortaleza (significante dado pela própria analisanda). Ela se identifica com o objeto de desejo desta mãe - o falo. Portanto, o Eu sinaliza um perigo frente a qualquer intervenção minha em sua

* Psiquiatra. Aspirante a membro do CPB.

fala que ameaça esta fantasia, e ela sente ansiedade. Neste ponto, há uma interrupção na associação de idéias: a analisanda é tomada por uma resistência oriunda de um sentimento de desprazer.

DO EU FREUDIANO AO EU DE LACAN

Mecanismos de defesa, de resistência, Freud os alojou no Eu. Este tem a função de síntese do aparelho psíquico, faz a intermediação entre o Isso, o Supereu e as exigências do mundo externo - serve a estes três senhores. O Eu é uma organização e, se há um fio de ligação entre o Eu da primeira tópica e o da segunda, é este - ele foi, desde sempre, uma organização para Freud, inclusive o Eu pré-metapsicológico de "Um projeto para uma psicologia científica" (FREUD, 1996). Este é um Eu neurológico, pertencente ao sistema de neurônios psi. E, embora não tenha acesso direto ao mundo externo, sem ele não é possível se dar o teste de realidade, ou seja, não há a passagem do processo psíquico primário para o secundário. Para que isso aconteça, faz-se necessária uma função de inibição por parte do Eu. Ele inibe a realização do desejo, impedindo a regressão até o surgimento da alucinação, propiciando assim o desenvolvimento do pensamento. Então, é desde lá que o Eu tem a função de inibir.

O "Projeto" é uma obra de difícil compreensão. Freud caminha numa trilha insegura, ao mesmo tempo em que fala de

sistemas de neurônios e descargas motoras, fala também de desejo. O "Projeto" é um trabalho hipotético, Freud trabalha com hipóteses. Ele não tem a intenção de dar conta da descrição do aparelho neurológico, mas de dar conta do desejo.

Uma coisa é certa, não é um trabalho para neurologistas. Surgiu devido à sua necessidade de compreender mais profundamente seus pacientes - principalmente as histéricas. É a experiência primeira de satisfação, esta ilusão de plenitude que leva à tentativa incessante de sua repetição, o resgate do Objeto - que jamais será recuperado, mesmo que pela via alucinatória -, que imprime a marca essencial do desejo humano: sua insaciabilidade.

Na primeira tópica, a ênfase era dada à dinâmica do inconsciente, às transferências de catexias entre os três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Na virada dos anos vinte, momento da segunda tópica, a ênfase é deslocada do funcionamento do aparelho psíquico para os mecanismos de defesa e a instância repressora - o Eu, em "O Eu e o Isso" (FREUD, 1996). Freud irá correlacionar as três instâncias - Eu, Isso e Supereu - aos três sistemas. A segunda tópica não anula a primeira, mas aumenta o poder teórico da psicanálise para explicar os fatos psíquicos.

O Eu tem seu núcleo no sistema perceptivo-consciente. Ele é, sobretudo, um "Eu corporal", uma projeção psíquica da superfície do corpo. O Eu origina-se do contato do indivíduo com a

realidade - ainda é responsável pelo teste de realidade. Antes, na primeira tópica, havia a dúvida se ele comportaria uma parte inconsciente (no artigo ora referido). A resposta é definitiva, ele é em grande parte inconsciente, aprofunda-se no recalado, sua base está em contato com o Isso.

Ao ler esse artigo, compreende-se o porquê das más interpretações da teoria psicanalítica e os desvios que originaram as teorias da psicologia do Eu. Freud, repetidamente, põe em evidência as forças *versus* as fraquezas do Eu. Sua força se expressa pelo fato de ser uma "organização coerente de processos mentais". Então, tem o poder de intermediar a relação entre o mundo externo e o interno; ele detém o controle da motricidade (útil para fugir de um perigo externo); e, para fugir de um perigo interno, tem o poder de lançar mão dos mecanismos de defesa. Sua força, porém, transforma-se em fraqueza, pois, ao impedir o acesso de complexos inconscientes à consciência, perde o controle sobre estes. E esses mesmos complexos expulsos da consciência forçam sua descarga por outras vias, gerando sintomas, por exemplo.

O conceito de Eu corporal também foi o estopim de muitas atrapalhações. Quando ele diz que o Eu é, sobretudo, uma projeção mental do corpo físico, Freud não deixa clara a questão da identificação para a constituição do corpo imaginário, mas é um corpo formado somente na relação inter-humana, sendo

necessário o outro para se reconhecer. É do corpo imaginário e de sua relação com a libido que Freud fala, pois a sede do Eu é o corpo erógeno, por onde circula a libido. Bom também lembrar a vesícula viva - exemplo de que Freud se serviu em pelo menos duas ocasiões - que, inicialmente, tinha seu sistema nervoso na superfície. Com a evolução, porém, este precioso sistema foi protegido no interior do corpo. Acredito que este "Eu corporal" também tem relação com esse resquício da teoria evolucionista. Então, ao se tornar um órgão interno, o sistema nervoso ainda mantém o controle da superfície do corpo, mediante uma projeção interna dessa superfície.

Talvez por colocarem o Eu como o centro do aparelho psíquico e supervalorizarem o que ele tem de consciente, alguns seguidores o confundiram com o próprio sujeito, que se posiciona de determinada forma diante do mundo, que se desenvolve com a experiência e a educação. Para estes, então, trata-se de adaptá-lo melhor às exigências da sociedade moderna. Mas o Eu é o lugar dos conflitos, seus mecanismos de defesa são inconscientes, e estes conflitos inconscientes geram efeitos poderosos na vida mental, muitas vezes sem nunca se tornarem conscientes - isso pelo fato de o Eu manter uma força constante de repressão.

De fato, ele não é originário, é desenvolvido, erigido a partir do Isso. Em "Sobre o Narcisismo" (FREUD, 1996), ele afirma que o Eu é desenvolvido pela formação do narcisismo primário, que

une as pulsões parciais. Antes, no estágio do auto-erotismo, estas pulsões parciais estavam anarquicamente distribuídas, ligadas à excitação de uma zona erógena; agora elas convergem para o investimento libidinal do Eu. Doravante, o Eu torna-se objeto de amor para os impulsos do Isso. O narcisismo secundário é a libido objetual que retorna para o Eu. Ele é um precipitado de identificações objetais abandonadas pelo Isso.

Este Eu ideal do narcisismo primário, que é investido pela libido, é substituído pelo ideal do Eu no momento do declínio do complexo de Édipo. O Supereu torna-se a instância crítica, vigilante. Muitas vezes, utiliza sua força de forma desmedida, exerce seu poder tiranicamente, ameaçando a unidade do Eu com sua pulsão de morte não fusionada.

Freud fala de um amadurecimento do Eu, o qual, ao longo do tempo, se tornaria mais forte e, conseqüentemente, exerceria sua função de intermediação de forma mais harmoniosa, tornaria uma boa parte do Isso consciente, não se submeteria tanto ao imperativo categórico do Supereu e manteria uma relação mais salutar com o mundo externo.

Lacan é quem enfatiza a frágil relação do homem com o mundo externo objetivo. O homem nasce prematuramente, sem coordenação motora, é totalmente dependente do outro nos primeiros meses de vida. Há uma "insuficiência orgânica de sua realidade natural" (LACAN, 2009). Na verdade, o limiar, a

porta de entrada para a realidade se dá mediante uma relação especular. A partir daí, o homem constrói seu mundo.

Então, é através da identificação com uma imagem que o homem capta o mundo ao seu redor. Esta imagem se dá no estágio do espelho, momento que marca o indivíduo, quando a criança captura seu reflexo e rejubila-se por se reconhecer lá onde sua imagem é invertida. Ela inclina-se para captá-la pelo melhor ângulo e a retém em sua memória. Esta é a matriz do Eu, imago que também dá a forma fixa do Eu ideal, sua imagem de perfeição narcísica.

Lacan (1998) considera o estágio do espelho um momento de virada decisiva no desenvolvimento mental da criança, pois deixa uma marca. Ela é antecipada pela criança, ante sua prematuridade, e antes de coordenar sua motricidade. A partir daí, não há ainda uma subjetividade, mas um esboço do Eu, dessa unidade. Mas, para que este estágio seja ultrapassado pela criança, faz-se necessário o testemunho da mãe, pois é ela quem lhe libidinizava o corpo e o integra numa unidade ortopédica. O processo do espelho precisa ser dialetizado. A mãe, que domina o simbólico, precisa reconhecer e nomear o corpo do filho. Só assim ele reconhecerá aquela imagem do espelho como sua imagem, e poderá, então, viver a experiência de individuação de seu ser no mundo, individuação do sujeito criança.

Com a passagem para o Simbólico, o Eu do discurso se

diferencia. Porém, o Eu social, que domina a fala, não apaga o Eu especular matricial. Este tipo de relação do imaginário, que nasce desta primeira relação com a mãe, cuja natureza especular consiste numa oposição imediata entre a consciência e o outro, perpetua-se. Este tipo de relação impregna a relação entre os homens. A interação do Eu com o outro sempre se dá nesse plano imaginário. O homem moral, que introjetou o Supereu, que lhe dita condutas, não necessariamente superou a identificação com seu Eu ideal, que o fixa num modo de relação social limitante, que o leva para longe de seu desejo.

Há o muro da linguagem, que impede a comunicação verdadeira entre dois sujeitos. O sujeito enuncia algo ao Outro, porém atinge apenas o outro. O sujeito consciente fala uma palavra vazia, vazia no sentido do desejo. Uma palavra plena traz a verdade do desejo para o sujeito, que se constitui no Outro, onde está o código da linguagem. Lacan estrutura o Eu como o lugar do desconhecimento, do engodo; não concebe o Eu como centrado no sistema percepção-consciência, como organizado pelo princípio de realidade.

A DINÂMICA DO EU NA ANÁLISE

Lacan acentua a descoberta de Freud: o Eu e o sujeito não são correlativos. Do seu Eu, com suas qualidades e defeitos, o analisando já sabe; o que ele vai buscar na análise está além, não pode parar aí. Ele vai ao consul-

tório do analista procurar ajuda, pois está sofrendo com seus sintomas, insatisfeito com sua sexualidade; há algo que o impede de caminhar nos seus objetivos, e ele procura respostas. Mas, de início, irá repetir, repetir a forma que se relaciona com os outros no mundo lá fora. Ele atua, resiste em recordar o que o angustia. A princípio, o analista tem de lidar com este Eu do sujeito, com seu caráter e suas limitações, e fazê-lo progredir.

Claro que há resistência por parte do analisando, não é fácil recordar, reviver um trauma. Além do mais, o sintoma é uma satisfação substitutiva cuja via já está consolidada. Mas, sem dúvida, a maior resistência é por parte do analista, que, em determinadas situações, não consegue sustentar a transferência. É que ela não é estática, um fenômeno que, após ter acontecido, esteja garantido. Na verdade, a transferência é dinâmica, exige a capacidade do analista de dominar a técnica, de compreender em que posição está em cada tempo da análise.

O poder da psicanálise é outorgado pela transferência, o analisando está ali, querendo saber do analista, e o que ele sabe? O analisando demanda do analista resposta para seu enigma. Voltando à analisanda que se pergunta: "Tem como eu ser diferente? E, se tem, você sabe como fazer?" É aqui que o Eu do analista não pode aparecer; tudo que ele não deve fazer é responder que sim, que ele já se analisou, então ele sabe o caminho das pedras, pois se tornou um homem forte após seu próprio

processo de análise. Bom não esquecer de que não se pode generalizar a dinâmica do inconsciente, não há uma medida universal.

O lugar do analista é o do suposto saber, o analisando acredita que ele sabe. De sua parte, ele tem que ter certeza de que não sabe. Mas bem que ele sabe de alguma coisa, ele sabe de uma técnica, de uma técnica de escutar. Foi treinado para se utilizar de uma ferramenta de escuta, a atenção flutuante. Quanto ao analisando que quer saber do analista, existe algo que ele também deve aprender com a ajuda deste, ou seja, que deve desenvolver para tirar maior proveito de suas sessões - a única regra para ele é seguir a associação livre. A atenção flutuante é uma técnica de escuta, escuta não do discurso cotidiano do sujeito do enunciado, mas escuta dos pontos de quebra da fala, onde se revelam o inconsciente e sua enunciação.

Então, para a decepção do analisando, o analista não responde às suas demandas, não se coloca como outro que responde no plano do imaginário, emparelhando-se com ele numa relação alienante, num jogo de espelho, em que o sujeito do desejo se elide na linguagem. Ele não responde nesse nível, portanto o poder outorgado pela transferência não é exercido, e, por não sê-lo, torna-se o poder do analisando. É ele quem vai encontrar as soluções para seus enigmas. Abre-se a *chance* de se revelar, de sair da posição de servidão perante o Outro.

Como o sujeito só pode se

constituir a partir da referência ao Outro, seu desejo só é constituído através do desejo do Outro, sua estrutura é de submissão, e ele pergunta àquele: o que queres?

Ao longo da análise, essa pergunta surge diversas vezes, de diversas formas. O analisando continuará a questionar seus Outros, acreditando que o analista é a encarnação do próprio. E o que faz este, além de redirecionar a pergunta ao analisando: o que você quer, qual seu verdadeiro desejo?

No processo de análise, o indivíduo revivencia seu Édipo. Aqui se pode falar em regressão. O Édipo é uma vivência estruturante e, recordar cada parte de seu complexo, é um trabalho árduo, que só se consegue paulatinamente. Na análise, trata-se de reestruturá-lo, dar novas significações ao que foi pouco compreendido, ou o que foi impossível de compreender devido à imaturidade do aparelho psíquico daquela época.

Esta re-significação das vivências edípicas liberta o sujeito de certas limitações, permite que ele elabore complexos inconscientes que o mantinham preso a um determinado padrão, promovendo uma mudança em sua subjetividade.

O sujeito que se constitui no final de análise sabe que o Outro, tal como ele o concebia, não existe. Isto permite que ele desista de um ideal impossível de se alcançar, e que o fazia gozar de forma sofredora.

A queda desse ideal leva o sujeito a encontrar outros gozos. À medida que a satisfação

substitutiva do sintoma desaparece, trata-se, para o analisando, de "saber-fazer-ali-com", de fazer outra coisa com esses elementos, os quais o construíram.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade [1926]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XX.
- FREUD, S. O ego e o Id [1923]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.
- FREUD, S. Um projeto para uma psicologia científica [1895]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.I.
- LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do Eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- GARCIA-ROZA, L. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

THE EGO FORMATION AND THE POWER OF PSYCHOANALYSIS

Key words: ego; dynamics, function, source, power, repression.

Abstract

The author objective in this article is to review the concept of ego in the theories of Freud and Lacan. He investigates the origin of this instance, according to these two psychoanalysts, and emphasizes the major differences that exists between the theories. Finally, he deals with the function and the dynamics of the ego in the setting of an analyses.

O poder do grande Outro

Jairo Gerbase*

Unitermos: Outro; outro; sujeito; significante; poder.

Resumo

Este artigo distingue fundamentalmente o conceito de Outro, isto é, de linguagem, da ideia de uma outra pessoa, para demonstrar que o poder na psicanálise é uma questão que concerne à relação entre o sujeito e o significante; o sujeito é tributário do significante e é assim que o outro exerce seu poder.

O grande Outro é a linguagem. O grande Outro é o inconsciente. É uma Outra cena. Não que o inconsciente seja a condição da linguagem, mas que a linguagem seja a condição do inconsciente.

Para escrever corretamente seu matema deveria escrever [S(Δ)], o que se lê como: falta um significante no grande Outro. Isto implica que o grande Outro também seja barrado, o que se pode ler como: o grande Outro não existe.

Podemos lhe dar várias antonomásias: vazio, falta, furo, real. Podemos enunciá-lo a partir dele vários axiomas: o objeto é reencontrado; o desejo é de desejo; todo sujeito está sujeito à castração; não há relação sexual etc., pois é isto que caracteriza a estrutura de linguagem.

Enunciar o grande Outro como o lugar dos significantes, tal como se lê no escrito "subversão do sujeito..." é uma utopia, uma fórmula ideal, pois para todo falaser falta um significante no grande Outro. A falta de um significante no Outro, torna impossível a relação biunívoca.

Quis enunciar o grande Outro dessa maneira para evitar sua redução ao pequeno outro, que se pode escrever como [a'],

para dizer que se trata do semelhante, do próximo. É verdadeiro que o grande Outro exerce seu poder sobre o sujeito por intermédio de um arauto, mas um arauto não é um monarca.

Por isso proponho que não se deva reduzir o grande Outro aos representantes do pequeno outro [a'] tais como: um pai, uma mãe, um mestre... Estas pessoas que representam o poder são arautos do grande Outro.

No exercício do poder sobre o sujeito do inconsciente [\$] o principal arauto do grande Outro é alíngua. Alíngua não é o idioma que o sujeito fala. Alíngua é o mal-entendido que o idioma, ou seja, a língua porta em si. Alíngua é a enunciação da língua.

O que é uma enunciação? Lucy, a irmã de Charlie Brown, inventou para si uma ideologia: doravante, disse ela, quando alguém me disser alguma coisa, perguntarei sempre: o que isso quer dizer? Charlie Brown replicou: está bem, doravante não lhe pergunto mais nada. Lucy então treplicou: o que isso quer dizer? Esse "o que isso quer dizer", essa enunciação se ilustra de uma maneira extraordinária, recorrendo a De Laclos. Sabe-se por "ligações perigosas" que o Visconde de Valmont está tentan-

*Psicanalista. Associação Científica Campo Psicanalítico. Salvador, Bahia.

do de todos os modos seduzir a Presidenta de Tourvel que lhe resiste. Falta-lhe uma prova de amor. Uma tarde, enquanto se comprazia sobre o corpo de uma cortesã, ele lhe escreveu uma carta onde dizia: "Nunca tive tanto prazer em lhe escrever". O fascínio que este enunciado suscitou à Presidenta deixa bem entrever a função da enunciação.

Em qualquer diálogo há, de um lado, um emissor e, do outro, um receptor. De outra maneira, há, de um lado, um enunciado e, do outro, uma enunciação. Bateson propôs o termo metálogo, em lugar de diálogo. Há diálogo quando a linguagem serve à comunicação e metálogo quando serve ao mal-entendido. Ele afirma que existe na família um tipo de diálogo que denominou de duplo vínculo, que funciona como uma espécie de diálogo sobre o próprio diálogo, uma espécie de metalinguagem.

O diálogo se sustenta na hipótese de que na comunicação o emissor emite uma mensagem que o receptor recebe (E→R) enquanto que na comunicação trata-se de fazer o interlocutor dizer a resposta que o locutor espera, trata-se de encarnar no outro a resposta que já se tem (E←R). O que torna o interlocutor agente da comunicação.

Entre aquilo que é emitido e aquilo que é recebido, há uma contingência do que é ouvido, que limita muito a responsabilidade dos pais para com seus filhos, além do fato de que eles mesmos sofrem os efeitos daquilo que mais lhe escapa, os efeitos do inconsciente.

Um exemplo singelo da contingência do ouvir se pode encontrar neste diálogo entre um menino e sua avó: "Vovó, mãe disse que eu não tenho um *pinto* de vergonha; eu tenho, olhe aqui"; e lhe mostra o pinto.

O menino fez uso de uma regra que Carroll usa em seus *doublets*: o deslocamento de uma letra. Nos termos de Freud se trata de uma formação do inconsciente: um lapso. As formações do inconsciente: sonhos, lapsos, piadas e sintoma são por isso arautos do poder do grande Outro.

Dito em termos empíricos: uma mãe censura o cinismo de um filho dizendo: "você não tem um *pingo* de vergonha". Quis tomar este exemplo como exercício do poder do grande Outro na dimensão da clínica psicanalítica encarnado na mãe enquanto arauto. Quis ainda dizer que o efeito do dito do grande Outro por intermédio de um arauto só tem significância na medida em que a língua, por uma contingência do ouvir, se torna alíngua traumática.

Gostaria de usar outro exemplo em que o exercício do poder do grande Outro tomou por arauto uma música. Eu só tinha sete anos, ele diz, quando ouvi, pela primeira vez, Sgt. Pepper; foi como um *dèjà vu*; eu ainda não sabia inglês, mas tive uma compreensão profunda desta expressão: *lonely hearts*. Isto fez interessar-me muito pela língua inglesa e logo descobrir que a tradução desta expressão era: corações solitários. Entrei, a partir daí, para a Banda do Clube dos Corações Solitários do Sargen-

to Pimenta.

Esta é uma experiência que privilegiei para dizer que foi *The Beatles* quem o traumatizou. Que foi o encontro com um par de palavras, com o significante *lonely hearts* que fez função de real. Não importa quem tenha sido o arauto do grande Outro da linguagem.

Ademais, entra em jogo algo que devemos denominar novamente de contingência do ouvir, o que decide se um dito do Outro se tornará traumático. A contingência do ouvir é a significância que o sujeito dá ao dito do grande Outro.

De modo que, esse moço vai ser músico, sabe tudo sobre *The Beatles*, seria capaz de comentar qualquer música deste grupo, gosta especialmente neste álbum de *A day in the life*, já deu provas, por seus comentários, que conhece bem a língua inglesa, que aprendeu por sua conta e risco, desde que encontrou este significante *lonely hearts*.

O exercício do poder do grande Outro na formação do sintoma neurótico se denomina recalque. O recalque não é a repressão. A repressão é o exercício do poder parental ou social. É a imposição de limites. É o dizer não. É o proibir. Por seu turno, o recalque é da linguagem. Um bom exemplo do recalque está na proposição de Carroll: "Toque a campainha também". Diante deste aviso devo bater na porta? O enunciado "bata na porta" está elidido, recalcado.

O recalque não provém da repressão. A repressão consiste em dizer: se você continuar a

mexer no seu pipi, papai irá cortá-lo. O recalque não é isso. O recalque é primário. A representação da família, da sociedade, certamente é edificada a partir do recalque.

O recalque é *Verdrängung*. É oposição ao *drang*. O *drang* é o impulso. O recalque é o contra-impulso. O impulso é catexia. O recalque é contra-catexia. O impulso é investimento. O recalque é contra-investimento. A pulsão é interesse. O recalque é o contra-interesse. A pulsão é significância. O recalque é contra-significância.

A relação entre psicanálise e poder, eu gostaria de colocar nestes termos. O poder da psicanálise é o poder do significante. Depende do Outro escrito com maiúscula e não do outro escrito com minúscula. Depende da linguagem e não de um arauto dela.

Os exemplos de Freud são abundantes. *Aliquis*, o esquecimento de uma palavra estrangeira, é um significante da alíngua, recalçado, que representa um sujeito para a hesitação entre a necessidade de um descendente para efetuar uma vingança e a recusa de um descendente natural. Isto é um exercício do poder do grande Outro da linguagem.

Signorelli, o esquecimento de um nome próprio, é um significante da alíngua, recalçado, que representa um sujeito seja para seu nome próprio, Sigmund, seja para a questão judaica, Signor, Elli, Senhor, Senhor. Isto é um exercício do poder do grande Outro da linguagem.

A mancha vermelha é um significante da alíngua, recalçado, que representa um sujeito para a

questão seja da impotência do marido ou da impossibilidade da relação sexual. Isto é um exercício do poder do grande Outro da linguagem.

E como derradeiro exemplo gostaria de mencionar um sujeito que, de súbito, golpeia o espelho de seu quarto. Supõe-se a hebefrenia, a bipolaridade e, de preferência, a drogadição.

Quando lhe damos a chance de se explicar ele diz que ganhou significância para si estes enunciados do grande Outro da linguagem: Não sou eu mesma hoje à noite; meu antigo eu se foi, me sinto nova em folha; alguém chame o médico, porque eu perdi a cabeça; não me deixe comigo mesma, não me deixe morrer; e, principalmente: todo dia eu tenho uma guerra contra o espelho. Eu quero ser qualquer outra pessoa.

Trata-se de dismorfofobia, transtorno dismórfico corporal, síndrome da distorção da imagem, deformação topológica do corpo, dismorfismo, dis-torção topológica do corpo, despedaçamento do corpo? Ou do poder do dito do grande Outro da linguagem?

REFERÊNCIAS

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

THE POWER OF THE BIG OTHER

Key words: Other; other; subject; significant; power.

Abstract

This article distinguishes fundamentally the concept of the Other, that is, language, from the idea of another person, to show that power in psychoanalysis is a matter that concerns the relationship between the subject and the significant; the subject is a tributary of the significant and is so the other exercises power.

LA PUISSANCE DU GRAND AUTRE

Mot-clés: Autre; autre; sujet; signifiant; puissance.

Résumé

Cet article distingue fondamentalement le concept de l'Autre, c'est-à-dire de langage, de l'idée d'une autre personne et, de là pour démontrer que la puissance dans la psychanalyse est une question qui concerne la relation entre le sujet et le signifiant; le sujet est tributaire de le signifiant et c'est ce que l'autre exerce son pouvoir.

Psicanálise como um modo de saber e poder

Kelber Silvio Rios Carneiro*

"Saber é poder".
Francis Bacon

Unitermos: Saber; Poder; Inconsciente; Sujeito do Inconsciente; Desejo.

Resumo

Este artigo pretende demonstrar que a psicanálise, como prática social, cria domínios de saber, produz novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, bem como faz surgir outro tipo de sujeito, o sujeito do inconsciente. Assim, seu discurso, como um modo de saber, surge ligado aos fenômenos de poder e relações de poder que emergem do inconsciente, através do desejo.

INTRODUÇÃO

O sujeito cartesiano é paradigma fundante do sujeito moderno, na medida em que, para qualquer intervenção em torno de temas que envolvam a subjetividade, o sujeito, faz-se imprescindível o retorno a esse ponto arquimediano. Qualquer abordagem em torno da psicanálise vai requerer, de pronto, a presença cartesiana e de seu sujeito, mesmo que este retorno tenha, intencionalmente, o desejo de modificá-lo, visando com isto produzir profundas alterações em seu estatuto de sujeito lógico do conhecimento.

Coube a Freud, no início do século XX, a invenção do Inconsciente. No entanto, a formalização do sujeito do inconsciente é criação de Lacan. Sabe-se que o inconsciente freudiano só foi possível pela existência do sujeito da ciência, que remonta ao ato de Descartes nomeando o cogito.

Em assim sendo, a teoria do sujeito, a sua concepção filosoficamente tradicional, bem como a relação sujeito/objeto e o conceito de saber sofreram uma reelaboração. Neste processo, a teoria do conhecimento, seu sujeito, seu objeto e seu saber filosóficos foram radicalmente

reinventados pela teoria e prática psicanalítica. Esta teoria foi a que mais ressaltou, de modo fundamental, a prioridade do sujeito no pensamento ocidental, a partir de Descartes (FOUCAULT, 2005, p. 9-10)

Com o ato de invenção do inconsciente e do sujeito do inconsciente, a psicanálise produziu uma **torção** epistemológica no saber, fundando com isto o saber do inconsciente e, com este, a presença determinante do desejo e não mais o da razão, no comando epistemológico do poder. Assim, o poder torna-se o objeto de desejo do Outro.

DESENVOLVIMENTO

Seguindo essa linha de investigação, num roteiro que considera como ponto de partida a reelaboração da teoria do sujeito do conhecimento, a partir da teoria e prática da psicanálise, tendo como ponto de emergência o desejo e seu objeto, o poder, cabe agora buscar apoio numa referência que valide a tese de que o saber é inventado. Nietzsche em um texto póstumo, afirma que:

Em algum ponto deste universo, cujo clarão se estende a inúmer-

¹O termo invenção aqui está empregado por Nietzsche em oposição à palavra origem.

*Mestre em Filosofia pela Ufba.

ros sistemas solares, houve uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira e da suprema arrogância da história universal (NIETZSCHE apud FOUCAULT, 2005, p. 13).

A **invenção**¹ surge tanto como um conceito de ruptura como um conceito de desvalor, significando ao mesmo tempo mesquinho e inconfessável. Mas tudo isto para se opor a noção de origem e de história como origem dos acontecimentos, pois também a história é uma invenção, com tudo que ela descreve e narra. Pode-se dizer que a noção de invenção é o **ponto crucial**, onde obscuras relações de poder entram em jogo para construir, fabricar, produzir um determinado tipo de saber (FOUCAULT, 2005, p. 15).

Assim sendo, todo tipo de saber é construído, fabricado, produzido por obscuras relações de poder que entram em conjunção, ou em jogo. Não obstante, o começo não passa de uma vilania (Ibid., p. 16).

O conhecimento foi **inventado**, logo não teve origem. Ou seja, no comportamento humano, no instinto, no apetite, não há germe do conhecimento. Assim, o conhecimento é produto do jogo entre os instintos. O conhecimento resulta do jogo, do enfrentamento, da junção, da luta e do compromisso entre os instintos (Ibid., p. 16). É dizer de modo incontornável que conhecimento não faz parte da natureza humana, não constitui instinto do homem.

Entretanto, o conhecimento não é da mesma natureza que

os instintos; ele não resulta do refinamento dos próprios instintos. Mas o conhecimento tem por fundamento a luta dos instintos entre si, fazendo surgir um clarão, uma luz que se irradia, após o atrito entre materiais de natureza totalmente diversa (Ibid., p. 16).

O conhecimento atua doravante, entre, no meio, diante dos instintos; os comprime, gera certo estado de tensão ou de apaziguamento entre os instintos. Logo, não é possível aplicar a dedução, a analiticidade, para inferir uma espécie de derivação natural do conhecimento (Ibid., p. 17).

O conhecimento não instintivo, mas contra-instintivo, como também não é natural, mas contranatural, porque resulta do desejo. Eis porque o conhecimento é invenção. Portanto, "as condições de experiência e as condições do objeto de experiências são totalmente heterogêneas" (Ibid., p. 17).

Pelo exposto, não há identidade entre conhecimento e mundo a conhecer, mas pura diferença entre conhecimento e natureza humana. Portanto, têm-se doravante uma natureza humana, um mundo e algo entre os dois que se chama conhecimento. Nenhuma semelhança, nenhuma afinidade ou elos de natureza. Enfim, nenhuma identidade entre os termos em jogo (Ibid., p. 18).

O mundo ignora os homens e as suas leis. Não há leis na natureza. O conhecimento tem, exatamente, que lutar "contra um mundo sem ordem, sem encadeamento, sem formas, sem beleza, sem sabedoria, sem harmonia, sem lei" (Ibid., p.18).

Desse modo, tem-se, entre instinto e conhecimento, uma relação de luta, de dominação, de subserviência, de compensação, não uma continuidade natural. Não há relação de continuidade natural entre o conhecimento e as coisas que tem a conhecer. Há sim, uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação. É possível, então, dizer que entre o conhecimento e as coisas a serem conhecidas ocorre uma violação e não uma percepção, um reconhecimento, uma identidade (Ibid., p. 18).

Como resultado dessa operação, ocorre dupla ruptura: a primeira é a ruptura entre o conhecimento e as coisas; já não há mais identidade, continuidade entre conhecimento e as coisas a serem conhecidas, mas uma relação arbitrária, de poder e de violência entre termos estranhos entre si (Ibid., p. 19).

A segunda ruptura ocorre entre a teoria do conhecimento e a teologia. Deus não mais é o garante do conhecimento evidente, certo e indubitável (Ibid., p. 19). Com isso, cai por terra a unidade do sujeito do conhecimento que assegurava a continuidade do desejo ao conhecer, do instinto ao saber, do corpo à verdade (Ibid., p. 19-20).

Há, agora, os mecanismos do instinto, os jogos do desejo, os afrontamentos da mecânica do corpo e do desejo, de um lado; do outro, um nível de natureza diferente, o que faz que o conhecimento não dependa mais de unidade do sujeito do conhecimento (Ibid., p. 20). Esse rompimento atinge a tradição filosófica mais antiga do Ocidente.

Tomado esses lineamentos

de Nietzsche, Foucault promove o fecho: as relações de força, as relações sociais, as formas políticas não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento, e, conseqüentemente, para as relações de verdade. Mas, pelo contrário, é a partir de condições políticas que formam o **solo** em que se produz o sujeito, os domínios de saber e as relações com a verdade.

Foucault mostra como a tragédia de Édipo, em Sófocles, enquanto problema de fundo político é instaurador de certo tipo de relação entre poder e saber, entre poder político e conhecimento que ainda impera na sociedade. Pode-se falar de certo complexo de Édipo na civilização. Portanto, trata-se do inconsciente coletivo (Ibid., p. 31) e não individual.

Édipo posto pela psicanálise, diz Foucault, não passa, na visão de Deleuze e Guattari, de um instrumento de limitação e coação, visando conter o desejo e fazê-lo entrar em uma estrutura familiar definida pela sociedade em determinado momento. Não é, portanto, uma verdade atemporal, nem histórica do desejo. Enfim, não é o conteúdo secreto do inconsciente, mas a forma de coação que os analistas tentam impor na cura ao desejo e ao inconsciente. Édipo é um instrumento de poder, ou seja, de poder médico e psicanalítico de se exercer sobre o desejo e o inconsciente (Ibid., p. 29-30).

Com efeito, aquilo que está em jogo, nesse contexto fundamental, é o estatuto do Édipo e a lei simbólica, que retoma no campo do poder, uma tensão entre as novas modalidades de

poder e o saber psicanalítico. De que modo situar a posição do Édipo, seja no complexo, seja na estrutura, como correlativa da lei simbólica? Na relação de fundamento do sujeito no sexual, a saber, a via que se abre para situar o Édipo, na psicanálise, é a do sujeito do inconsciente que se modela segundo a regulação do desejo pela lei simbólica.

Desse modo, estão em jogo as relações entre a lei, o desejo e um sujeito do inconsciente. Essa verdade se constata na interpretação psicanalítica formulada em *Totem e Tabu* para com o grupo primário do Pai da horda; instala-o aí como figura fundadora e representante da Lei simbólica, assim como frente a *Édipo Rei* visando à interdição do incesto. Somente assim é possível, no primeiro caso, inventar uma irmandade e, no segundo, pôr a figura de Édipo permanentemente na posição de se transformar em Pai e Mãe, fazendo que se coincida com o Genitor arcaico, cruel, narcísico: Édipo antes do complexo de Édipo (KAËS, 1997, p. 22).

Desse modo, Édipo tomará conhecimento de seu próprio desejo, sabendo-se doravante como **sujeito ambíguo** (Ibid., p. 22). Este sujeito ambíguo é o sujeito do inconsciente de um saber/desejo carregando consigo o poder como seu objeto. Freud faz isso emergir da descrição da mutação do regime psíquico e cultural da horda, passando por Édipo. Este material serve de hipótese para o desenvolvimento da teoria e da prática psicanalítica.

Assim, os registros da pulsão e da cultura são intercambiáveis, bem como a

idéia segundo a qual o inconsciente, conseqüência da repressão da pulsão pela ordem da lei, é sexual. Enfim, o Édipo deseja definitivamente encarnar o suporte da verdade para o sujeito.

Isso levou Freud a fazer uma crítica à moral sexual cultural e ao mal-estar da cultura, por considerá-las responsáveis pelas dificuldades geradas pela modernidade nas subjetividades como conseqüência da renúncia sexual imposta. Ou seja, a modernidade se constituiu sobre a base da repressão das pulsões sexuais, produzindo, assim, um crescente mal-estar nos sujeitos, que inevitavelmente derivou para a neurose.

Essa problemática tem como pano de fundo o controle social e cultural exercido pela sociedade sobre a sexualidade de seus membros, visando com isto a melhor canalização de suas forças para o trabalho, tendo em vista a produção e o lucro.

Ora, vale ressaltar que a psicanálise, enquanto instituição de práticas sociais, de vínculos intersubjetivos, não ficou infensa a esta problemática: a rivalidade, a dominação, como meios para evitar a questão sexual, enfrentar o narcisismo.

A psicanálise nasceu sob o signo do narcisismo. Em razão disto, eclodem os conflitos, as crises, as dissidências, as agressões, as rupturas, do duplo narcísico homossexual, com Fliess, depois Stekel e os demais que foram chegando. Assim, desde o início, Freud experimentou na formação do grupo "as tumultuosas descobertas do Inconsciente, seja nas suas aparições na solidão e nas vicissi-

tudes do vínculo intersubjetivo" (Ibid., p. 26).

Isso fica patente, quando da criação do Comitê, visando constituir o grupo como guarda dos Ideais e da ortodoxia, bem como garantir sua função ideológica (Ibid., p. 27) de saber/poder.

Após a morte de Freud, a IPA dá mostra de padecer da neurose narcísica, em razão do que Lacan rompe com ela seus laços sociais, sobrevivendo a excomunhão. Mas, logo depois, é a vez de Lacan dissolver o que fundara, a École Freudienne, uma vez que "o grupo psicanalítico pôde mais que o discurso e tornou-se Igreja, como aconteceu a Freud" (ALVES, 1999, p. 200).

Sabe-se que esta problemática perdura até hoje, na medida em que "os psicanalistas, como pessoas, também estão sujeitos às mesmas paixões, conflitos, vaidades e fraquezas que povoam os agrupamentos humanos" (RODRIGUES, 1999, p. 31). Daí os conflitos, crises, rupturas, dissidências, agressões que ocorrem dentro e entre as diversas instituições e os grupos de psicanalistas.

Estaria, nesses casos, a instituição psicanalítica e seus elementos, vivendo ao mesmo tempo, uns do fascínio do saber/poder, enquanto outros, da servidão? Isto tudo derivaria do governo de um só? Estariam todos, fascinados e subservientes capturados no desejo do desejo do Outro? Estariam todos fazendo a pergunta ao Outro: *Che vuoi? Que queres de mim?* (FÉRES, 1999, p. 123).

Então, estariam todos esses sujeitos submissos ao Outro di-

zendo viva o Outro, para que dessa existência possam eles surgir, ouvindo o som melodioso do tu és inteligente, poderoso. Com isto, cultuando o saber/poder, todos estariam capturados no gozo do Outro (Ibid., p. 123).

Como qualquer instituição, a psicanálise vive sob um governo. A questão é saber que governo dirige os grupos psicanalíticos. Seria o governo de um só? Caso seja, faz-se imperioso recordar, elaborar para não repetir quanto à fantasia do um, isto é, qualquer grupo crê em um Deus único, pois se encontra na origem de todas as instituições, inclusive, nas terapêuticas. Aí ocorre a relação dual, onde cada um tenta exercer a fascinação sobre o outro, fazendo-o ser o que possibilita o gozo do fascinador (SOUKI, 1999, p. 49-50).

Em razão disso, a psicanálise, como instituição, detentora de práticas sociais de ensino, formação e tratamento analítico, é também detentora desse fascínio do saber/poder epistemológico. Isto permite que se extraia dos indivíduos, a partir de um saber, saber de observação, um saber clínico, psicanalítico (FOUCAULT, 2005, p. 121-122).

Desse modo, a psicanálise é portadora de um discurso sobre o inconsciente, o sujeito do inconsciente, o desejo, a sexualidade, a neurose, o tratamento desta, como dispositivo terapêutico. Enfim, a psicanálise como campo de saber/poder tem um discurso acerca do erotismo, do sexual.

Não há engano quanto à realidade posta pela sociedade no tocante a produção do discurso

(Ibid., p. 8-9): controle, seleção, organização e redistribuição a partir de certos procedimentos a fim de conjurar seus poderes e perigos a cerca do saber por ele transmitido.

Pode-se dizer que todo discurso carrega poder através do saber que expressa. Isto faz com que o discurso se apresente para o seu portador com certa inquietação no tocante a sua realidade de coisa pronunciada ou escrita, poderes e perigos, dominações, servidões (Ibid., p. 8).

A exclusão como exercício de poder faz-se presente através da interdição, negando o direito natural da livre expressão de idéias: não pode dizer tudo em qualquer circunstância. Sabe-se que a sociedade exerce o domínio sóciopolítico mediante o artifício do "tabu do objeto, ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala". Assim, se estabelece "o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam formando uma complexa grade" (Ibid., p. 9).

Qualquer modo de controle e delimitação do discurso se exerce de fora como verdadeiro sistema de exclusão, toda vez que está em jogo o poder e o desejo.

Há uma relação de pertença entre discurso e poder, haja vista ser o discurso o meio pelo qual o desejo opera mediante investimento sobre seu objeto, o poder. Com isto surge a necessidade de se buscar, por trás do próprio discurso, algo que seria o desejo e seu objeto, o poder. Para tanto, busca-se deduzir do discurso algo que concerne ao sujeito falante: o inconsciente e o desejo do grande Outro.

Vale ressaltar que em assuntos que formam o **calcanhar de Aquiles** da dominação, como sexualidade e política, onde temíveis poderes latejam, o desejo é caçado e conseqüentemente o poder.

A psicanálise mostra que o discurso não é só o manifesto, mas também o oculto, ou seja, o desejo, bem como aquilo que é o seu objeto do desejo, o poder (Ibid., p. 10).

Sabe-se que o saber acerca do inconsciente, desvelando os sintomas e com eles as neuroses, semelhantemente, ao saber médico acerca da doença e do psiquiatra acerca da loucura, através da cesura que a escuta exerce, produz um discurso que é investido pelo desejo e que carrega terríveis poderes (Ibid., p. 12-13).

Aqui não se pode recuar frente ao desejo de saber e de poder, que o inconsciente, como artefato cultural e científico, hipótese fundante da psicanálise, veicula um discurso dominante acerca do sujeito do inconsciente: "o jogo de uma identidade que teria a forma da repetição e do mesmo" (Ibid., p.29).

O discurso psicanalítico é discurso do sujeito falante, reclamando análise acerca dos diferentes modos pelos quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o desejo e o poder estão implicados e, para o qual, o poder funciona como objeto de desejo.

Não se pode desconhecer que o discurso da psicanálise reporta-se ao discurso da histeria. A histeria caracteriza-se pelo fenômeno de esquecimento, de desconhecimento pelo

sujeito de si mesmo: ignorar um fragmento do seu passado ou uma parte do seu corpo. Esse desconhecimento não é total pelo sujeito de si mesmo, mas sim um desconhecimento de seu desejo, ou de sua sexualidade.

Eis aí o ponto de ancoragem da psicanálise, ou seja, o desconhecimento do seu desejo pelo sujeito. Aqui emerge inventivamente, saber e poder, a partir da hipótese do inconsciente como produto do desejo de Freud.

A psicanálise, enquanto disciplina, se define por um domínio de objetos, um método, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições. Assim, funciona como um princípio de controle da produção do discurso. Assim, fixa os limites do discurso pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente.

A psicanálise, então, se apresenta como fundamento racional de um saber sobre o desejo e seu objeto de desejo, o poder, fazendo parte dessa grande economia da produção de um saber crítico a respeito da sexualidade.

É factível de verificação a existência de um novo tipo de saber, da presença dos mecanismos de poder, inventado a partir da investigação empreendida pela psicanálise no inconsciente do sujeito e na economia de seu desejo, tendo como ponto de partida as relações parentais, ou seja, a relação entre o pai e o filho, a interdição da masturbação, a interdição na relação mãe-filho assim como nas relações pai-mãe e na distribui-

ção dos papéis que se inscrevem no inconsciente da criança.

Esse saber/poder psicanalítico é exercido através do mecanismo de transmissão de ensino e formação de analistas, bem como de tratamento da neurose pela análise. Mas este saber/poder requer atores sociais para pô-lo em execução: os analistas.

Em razão disso, o analista não deve se descurar da ética do desejo que marca a psicanálise enquanto instituição de saber/poder, bem como ele, o analista em seu exercício, como proteção dos analisandos submetidos ao tratamento psicanalítico, justamente, evitando eventuais abusos que venham incorrer, graças à sua posição privilegiada em função do amor de transferência.

A relação entre analista e analisando é uma relação de saber/poder que desliza no **fió da navalha** da transferência. Não é por outra razão que o saber deve ser encarado como suposto saber, não diferentemente também dever ser encarado o poder, como um suposto poder.

Se assim o for, de fato, levado em conta, os percalços e perigos que emergem no percurso da análise, saberá o analista se fazer de morto para com a negatividade que emana do poder e do saber frente ao analisando que vive o drama de amor e ódio remanescentes da política saber/poder exercida pelos pais junto à prole e, conseqüentemente, entre ele e seus irmãos na sociedade familiar.

Ora, onde mora o perigo? No desejo e em seu objeto, o poder. O perigo ronda para os narcísicos que desconhecem que tanto o desejo quanto o seu objeto, o

poder, são inconscientes.

O problema do poder e seu exercício passam primeiro pelo saber. Advertência nunca é presença indesejável: analista nenhum detém *a priori* saber e menos ainda o poder sobre o inconsciente de seu analisando. Caso acredite nisto, seu fim está mais próximo do que possa imaginar. Cometerá erros grosseiros que em pouco tempo o denunciarão, fazendo com que o analisando tome a iniciativa, por este ou aquele motivo, até mesmo fortuitamente, de interromper a análise.

Daí porque Lacan recomendava que o analista funcionasse como objeto causa de desejo, **objeto a**, e não objeto de amor para o analisando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise produziu uma torção na teoria do sujeito cartesiano, inventando, assim, um novo saber/poder, a partir de um ato transgressor inventivo de um inconsciente, de um sujeito inconsciente e portador de desejo.

De acordo com a trajetória produzida neste artigo mostrou-se que a psicanálise, enquanto prática social de saber/poder, como os demais saberes inventados no século XIX, resultou de um processo de dominação de um campo de conhecimento do inconsciente, visando exercer controle social, a partir de sua teoria e método analíticos.

A **torção** provocada pela teoria e prática psicanalítica no saber/poder vigente tornou-se uma transgressão à ordem e segurança político-social e jurí-

dica na sociedade até os dias que passam, pois, seus efeitos vincaram o modo de ver e sentir o mundo, de se estabelecer relações pessoais e interpessoais.

Com a presença do inconsciente e do sujeito desejante, deflagrou-se outro modo de pensar e sentir, portanto, outro padrão de conduta social.

Nesse contexto, a discursividade é determinante para a dinamização dos jogos de poder, na medida em que se funda num saber que garante aquela. Isto porque o exercício do poder implica no saber e vice-versa, ou seja, o saber funda as possibilidades de poder. Portanto, a psicanálise legítima, pois, as práticas de poder. Enfim, o saber como discursividade e como jogos de fala se articulam com as estratégias de poder.

A intenção dessa investigação foi trazer à discussão a questão do saber/poder, pouco discutido e quase nunca estudado na instituição psicanalítica, visando abrir um canal de interlocução que possibilite melhor compreensão acerca dos efeitos que dele emergem.

A pretensão não foi esgotar o assunto, mas abrir uma via para que outros, que venham a se interessar pela temática, dêem continuidade com mais proficiência às futuras investigações acerca do saber/poder na psicanálise.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Stélio Lage. Um fascínio descola. In: FURTADO, Ângela Porto; RODRIGUES, Gilda Vaz; CHAGAS, Nara França; ALVES, Stélio Lage; GONTIJO, Thais Dias. (orgs). *Fascínio e servidão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FÉRES, Nilza Rocha. Fascínio e servidão - uma viagem institucional pela memória. In: FURTADO, Ângela Porto; RODRIGUES, Gilda Vaz; CHAGAS, Nara França; ALVES, Stélio Lage; GONTIJO, Thais Dias. (orgs). *Fascínio e servidão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU editora, 2005.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- KAËS, René. *O grupo e o sujeito do grupo - Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. Tradução José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- RODRIGUES, Gilda Vaz. Fascínio e servidão. In: FURTADO, Ângela Porto; RODRIGUES, Gilda Vaz; CHAGAS, Nara França; ALVES, Stélio Lage; GONTIJO, Thais Dias. (orgs). *Fascínio e servidão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUKI, Nádia. A servidão na estrutura dos grupos. In: FURTADO, Ângela Porto; RODRIGUES, Gilda Vaz; CHAGAS, Nara França; ALVES, Stélio Lage; GONTIJO, Thais Dias. (orgs). *Fascínio e servidão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PSYCHOANALYSIS AS A MODE OF KNOWLEDGE AND POWER

Key words: Knowledge; Power; Unconscious; Subject of unconscious; desire.

Abstract

This article argues that psychoanalysis, as a social practice, creates areas of knowledge, produces new objects, new concepts, new techniques, and gives rise to another type of subject, the subject of the unconscious. So his discourse as a way of knowing appears linked to the phenomena of power and power relations that emerge from the unconscious through desire.

A dominação masculina: o poder do desejo do Outro

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

Unitermos: dominação masculina; poder; desejo do Outro; Louise Bourgeois.

Resumo

Este trabalho discute os efeitos da dominação masculina e do poder do desejo do Outro, a partir de depoimentos da escultora franco-americana Louise Bourgeois. Para tanto, utiliza o referencial teórico da psicanálise, o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu e um livro de depoimentos da artista, que reúne uma série de entrevistas, desenhos e escritos produzidos por ela ao longo de sua vida. Inicialmente, faz uma breve apresentação da sua biografia, mostrando como a decepção de seu pai com o nascimento de uma filha mulher produziu nela um sentimento de risco de morte e busca de sobrevivência através da arte. Posteriormente, o trabalho problematiza uma de suas obras, intitulada "A Destruição do Pai", e seus efeitos considerados por ela como terapêuticos. Por fim, conclui que a trajetória da artista e a obra de arte aqui trabalhada podem expressar uma reação contra a violência simbólica, que a representação do desejo do Outro pode acarretar.

Há alguns anos, me debrucei sobre questões teóricas ligadas à identificação e à identidade, a partir da vida e da obra de uma artista franco-americana recém-falecida, chamada Louise Bourgeois. Agora, retorno a esta escultora sob outra perspectiva: o da dominação masculina e seus efeitos. Parto de um depoimento pessoal da artista para explorar esta questão. Em seu livro *Destruição do pai, reconstrução do pai*, a escultora Louise Josephine Bourgeois revelou que o seu nascimento foi um momento de rejeição e desafio, ao mesmo tempo (BOURGEOIS, 2000). Nascida em 24 de dezembro de 1911, em Paris, ela afirmou que este foi um momento frustrante para todos aqueles que tiveram que interromper a sua festa de Natal para se juntar a ela. Nas suas próprias palavras, "eles tinham ostras e champanhe, e lá vim eu..." (BOURGEOIS, 2000, p.246). Revelou, ainda, que esse foi um momento de descontentamento especialmente para seu pai, Louis Bourgeois. Quando sua mãe engravidou, pela primeira vez, ele desejava um filho homem, mas veio uma menina, que logo morreu. Eles tentaram ter um outro filho e novamente veio outra menina: Henriette. Depois dela veio Louise e, finalmente, seu irmão caçula. Na percepção de Louise,

a sua vinda ao mundo significou uma grande decepção e ela teceu os seguintes comentários sobre isto:

Ela amava meu pai. Por isso, como eu já disse, eles fugiram. Simplesmente foram embora. Então não se casaram. Viviam juntos, e é claro que tiveram um filho. Meu pai era bem machista, e infelizmente a criança era uma menina. Tenho certeza de que minha mãe ficou envergonhada, embora fosse uma feminista decidida. A vergonha não durou muito, já que a criança morreu. Eles tentaram ter outro filho, que era, pelo amor de Deus, outra menina! Foi Henriette. Depois tiveram outra pestinha, chamada Louise... Era eu! [...] Por isso fui um estorvo quando nasci. [...] Por isso vocês entendem que quando nasci fui uma grande decepção e minha mãe deve ter pensado: 'Como vou manter esse homem, dando-lhe três filhas em seqüência?' Ela possuía imaginação, e disse: 'Está vendo essa menina? [...] Não fique desapontado [...] Vamos dar seu nome a ela. Sabe que essa criança é sua imagem cuspidada e escarrada?' Não ficava claro se ele achava, mas meu pai dizia: 'Sim, ela é muito bonita. [...] Puxa, é verdade. Ela é muito bonita e parece muito comigo'. Percebe, minha mãe tentou me vender

*Professora Adjunto da UFBA, Psicanalista Membro do Colégio de Psicanálise da Bahia. E-mail: therezacoelho@gmail.com.

a ele. E conseguiu em certa medida. Mas meu pai continuou decepcionado por não ter um filho homem. [...]. Então foi assim que sobrevivi, você vê, mas ele me fazia sentir que eu deveria satisfazer seus sonhos de ter um descendente de sucesso. Eu tinha de conseguir ser perdoada por ser menina. Meu irmão veio depois, é claro (BOURGEOIS, 2000, p.163, 279).

Segundo Louise, foi assim que ela conseguiu sobreviver, mas sentia que deveria satisfazer os sonhos de seu pai de ter um descendente de sucesso. Como ela mesma disse: "Eu tinha de conseguir ser perdoada por ser menina" (BOURGEOIS, 2000, p.279). A pequena Louise cresceu, estudou Matemática na Sorbonne, Arte na Escola de Belas Artes e na Escola do Louvre, onde se tornou docente. Em 1938, conheceu, em sua loja de desenhos e pinturas modernas, Robert Goldwater, professor de História da Arte da Universidade de New York, com quem se casou e se mudou para os Estados Unidos, nesse mesmo ano (BOURGEOIS, 2000). Após várias tentativas de procriar, Louise adotou o seu primeiro filho (Michel), a quem se sucederam dois outros filhos naturais, nos anos 40, Jean-Louis e Alain, nesta ordem. Em New York, em 1945, Louise começou a expor publicamente o seu trabalho, até que se tornou uma artista de renome internacional, muito premiada e reconhecida, tanto pelo público quanto por críticos e historiadores de arte. A sua obra inclui desenhos, pinturas, gravuras, performances, instalações e esculturas. Em 31 de maio de 2010, faleceu vítima de um problema

cardíaco, aos 98 anos de idade.

Os efeitos de não se sentir desejada pelo pai foram duradouros na vida de Louise. A artista confessou que, devido a isso, ela não conseguia revidar qualquer argumento de seu pai. Associou também a escrita de seus diários a esse contexto. Seus fragmentos discursivos abaixo revelam tal situação:

Muito tempo atrás eu não conseguia revidar qualquer argumento de meu pai, porque [...] ele caçoava de mim, por ser apenas uma menina [...] ele tinha um senso de humor cruel e eu não conseguia revidar. Eu não conseguia me fazer entender, e não conseguia lhe responder. E a frustração, em vez de se transformar numa coisa masculina de fugir, a frustração era uma espécie de enrijecimento, assim [Cerrando o punho], e guardar o ressentimento dentro de mim, e 25 anos depois ainda não cheguei a um acordo com meu ressentimento, que ficou para sempre (BOURGEOIS, 2000, p.254).

Com freqüência meus diários refletem minha obsessão por ser útil. Muito, muito antes - quero dizer muito tempo atrás -, quando chegava um bebê menina, não era considerado útil em certas circunstâncias. E eu perguntava silenciosamente: 'Você gosta de mim? Você me aprova, apesar de eu ser menina?'. Durante anos essas preocupações me incomodaram. Fazer um diário me ajudou a resolver algumas dessas questões, finalmente (BOURGEOIS, 2000, p.304-306).

Podemos pensar que não ser desejada pelo pai, em seu nascimento, e/ou até mesmo posterior-

mente, por ter nascido biologicamente do sexo feminino, configura uma espécie de violência intrafamiliar, simbólica. Esse tipo de violência parece ser determinado por múltiplos fatores psicossociais, que vêm sendo discutidos pela literatura de referência científica, tais como patriarcalismo, machismo, dominação masculina e horror à castração, dentre outros (FREUD, 1980; MENEGHEL ET AL., 2000; IZUMINO, 2005; BOURDIEU, 2009).

De acordo com o sociólogo Bourdieu (2006a, 2006b, 2009), por exemplo, as relações sociais contemporâneas são entremeadas pela dominação masculina e pela submissão feminina, decorrente de uma violência masculina, às vezes imperceptível. A violência dos homens sobre as mulheres pode se dar tanto de forma objetiva, física, quanto simbólica, subjetiva, consciente ou inconscientemente. A violência simbólica se exerce, sobretudo, através das palavras e pode contar, inclusive, com a cumplicidade inconsciente das mulheres. Ela se funda na fabricação contínua de crenças, que fazem com que o indivíduo se posicione no espaço social segundo critérios e padrões do discurso dominante.

Nesse contexto, a intolerância à mulher é tema que tem ocupado um lugar especial no pensamento psicanalítico, desde o seu advento (FUKE, 2007). Tal intolerância tem sido discutida como uma forma de não reconhecimento da alteridade, como expressão da vontade de assegurar a coesão do idêntico a si. Na perspectiva freudiana, o desprezo e a rejeição narcísica dos homens em relação às mulheres têm sua origem no

horror à castração, no receio do homem de ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostrar-se ele próprio incapaz (FREUD, 1918/1980). Uma angústia provocada pela lembrança da falência do ideal de uma homogeneidade masculina ou virilidade sem perdas estaria na base desse processo (FUKS, 2007). O horror à castração envolve múltiplas dimensões que vão desde a anatomia do sexo até as dificuldades de relação com as frustrações, as perdas e a impossibilidade de completude em qualquer aspecto da vida. Sob esse prisma, o horror à castração diz respeito à angústia que algumas diferenças provocam. O narcisismo e a castração, assim como o princípio freudiano da não-diferença entre a psicologia social e a individual, na medida em que o individual é simultaneamente o social são, portanto, elementos-chave para a reflexão sobre o par de opostos tolerância/intolerância, tanto no plano individual quanto no coletivo (FREUD, 1921/1980). Nas sociedades androcêntricas, a intolerância à diferença do outro se expressa em relação às diferenças que, em si mesmas, portam as mulheres.

Podemos considerar que Louise conseguiu realizar o seu projeto de ser uma descendente de sucesso e atender a este anseio, supostamente paterno, sendo uma mulher. De certa forma, o sentimento de ter sido rejeitada inicialmente pelo pai devido a essa condição revela uma experiência de violência simbólica, sofrida e percebida por ela como impossibilidade de existência em um sexo feminino. Essa constelação imaginária e simbólica marcou-a profundamente desde cedo, produzindo

efeitos na construção e reinvenção de si, numa direção que lhe possibilitou uma sobrevivência subjetiva através da arte. Louise associou as suas obras às suas lembranças, dificuldades e traumas. Considerou, inclusive, que a arte lhe proporcionou efeitos terapêuticos. Parte do título de seu livro é o título de uma de suas obras: "A destruição do pai". A outra metade, a reconstrução, provavelmente diz respeito à referida dimensão terapêutica. Passemos a esta obra.

"A destruição do pai" é uma escultura feita em 1974 com gesso, látex, madeira e tecido (BOURGEOIS, 2000). Em 1979, Louise revelou o seguinte sobre essa obra:

Há uma mesa de jantar e pode-se ver que acontecem vários tipos de coisas. O pai está se pronunciando, dizendo à platéia cativa como ele é ótimo, todas as coisas maravilhosas que fez, todas as más pessoas que prendeu hoje. Mas isso acontece dia após dia. Uma espécie de ressentimento cresce nas crianças. Chega o dia em que elas se irritam. Há tragédia no ar. Ele já fez demais esse discurso. As crianças o agarram e o põem sobre a mesa. E ele se torna a comida. Elas o dividem, o desmembram e o comem. E assim ele é liquidado. Trata-se, como você vê, de um drama oral! A irritação era sua constante agressão verbal. Então ele foi liquidado: da mesma maneira que havia liquidado seus filhos. [...] É uma peça muito assassina, um impulso que surge quando alguém está sob grande tensão e se volta contra aqueles que mais ama (BOURGEOIS, 2000, p.115-116).

Em 1988, quatorze anos após ter criado "A destruição do pai", Louise fez uma outra declaração sobre este trabalho, que merece ser citada aqui:

A destruição do pai (1974) lida com o medo - do tipo comum, o medo verdadeiro e físico que ainda hoje sinto. O que me interessa é a conquista do medo, o esconder-se, a fuga dele, o enfrentamento, o exorcismo, a vergonha dele, e finalmente o medo de sentir medo. É esse o tema. Não sou uma especialista, mas sei o que é medo; sei o que o medo nos leva a fazer. [...] E os anos passam, e você não experimentou o amor [...] e desperdiçou seu tempo. E esse desperdício se expressa numa grande raiva, porque você sente que não viveu, que a vida passou por você. É disso que trata *The destruction of the father*. Bem, o objetivo de *The destruction of the father* era exorcizar o medo. E depois que foi exposto - aí está - sinto-me uma pessoa diferente. Não quero usar a palavra *thérapeutique*, mas um exorcismo é uma empreitada terapêutica. Então o motivo para fazer a peça foi a catarse. O que me assustava era que à mesa de jantar meu pai ficava se exibindo, se enaltecendo. E quanto mais se exibia, menores nos sentíamos. De repente havia uma tensão terrível e o agarramos - meu irmão, minha irmã, minha mãe -, nós quatro o agarramos, o deitamos na mesa e arrancamos suas pernas e seus braços - o desmembramos, entende? E tivemos tanto êxito em espancá-lo que o comemos. É uma fantasia, mas às vezes a fantasia é vivida. [...] Em *The destruction of the father* a lembrança era tão forte, e foi tanto trabalho, que me senti uma pessoa di-

ferente. Senti como se aquilo tivesse existido. Realmente me modificou (BOURGEOIS, 2000, p.157-158).

Verificamos que esta segunda apresentação da obra, quatorze anos depois, foi feita de forma diferente em relação à anterior. Louise se inseriu na escultura como um de seus personagens, revelou que o pai assassinado foi o seu e que os assassinos foram ela, seus irmãos e sua mãe. Louise relacionou essa escultura ao medo que sente e testemunhou os efeitos deste trabalho, revelando a dimensão terapêutica de uma atividade sublimatória, como a criação artística. Houve, nesse processo, uma modificação subjetiva, a partir do momento em que ela pode vivenciar, expor e falar sobre sua fantasia, seu mito individual, para o grande público.

Vimos o quanto, no caso de Louise, a suposta rejeição paterna, decorrente da sua condição feminina, ou seja, do desejo de que ela fosse do sexo biológico masculino, produziu efeitos duradouros em sua vida e em sua relação com o pai, materializados em sua escultura "A destruição do pai". Podemos conjecturar que o homicídio simbolicamente realizado através dessa obra de arte foi uma resposta ao femicídio simbólico vivenciado por essa artista a partir de seus primeiros momentos de vida.

É interessante observar o modo pelo qual a dominação masculina e o desejo do Outro se expressaram no suposto discurso da mãe de Louise, revelado pela artista em seu livro. A adoção da estratégia de ressaltar a semelhança física entre a filha e seu pai parece corroborar a perspectiva de

Bourdieu (2009) segundo a qual a intuição feminina seria uma forma de satisfação do desejo do dominador, que se impõe através da violência. Esse modo de sobrevivência legitima a visão androcêntrica do mundo, que se expressa nas percepções, pensamentos e ações do cotidiano. Essa visão naturalizada na ordem social integra o senso comum, que já incorporou as relações de poder e dominação, e se faz presente nas condutas sociais. A potência masculina, nesse contexto, se exerce, então, através de uma violência simbólica.

Verificamos que não só em "A destruição do pai" Louise se inseriu em seu trabalho. Muitas de suas esculturas a incluem e a refletem. Quando, em 1982, Robert Mapplethorpe a procurou para fotografá-la, ela compareceu no ateliê do fotógrafo com uma de suas esculturas, "Fillette" (1968), e se fez fotografar com esta escultura. Sobre isso, ela revelou:

Levei uma peça minha porque a peça é mais eu mesma que a pessoa [...] Eu vestia um casaco de macaco. Adoro pele de macaco [...] Adoro o casaco e adoro o objeto que levei... Contava com o que eu tinha levado. Ou seja, com o casaco e o falo. [...] Não é um falo. Isso é o que as pessoas dizem, mas é uma coisa completamente diferente... A peça se chama Fillette (1968). Fillette quer dizer une petite fille [uma garotinha]. Se você quiser interpretar livremente, pode dizer que levei uma pequena Louise... Me dava segurança. [...] Não me importa que você não goste de mim. Mas desejo que goste do meu trabalho. Eu sou meu trabalho. Não sou o que sou como pessoa (BOURGEOIS, 2000, p.202-

203). [...] Meu corpo é minha escultura (BOURGEOIS, 2000, p.228).

Podemos conjecturar que se fazer representar através de uma escultura fálica, como é o caso de "Fillette", foi um dos derivados do desejo do Outro exposto acima, dentre outras possibilidades de significação. Pelo depoimento de Louise, verificamos que a obra de arte pode ser uma expressão da violência simbólica que a representação de um desejo pode acarretar. Não podemos afirmar que o desejo de um filho do sexo masculino seja, em si mesmo, femicida, mas ele assim parece ter sido tomado por Louise, quando esta confessou que sentiu o medo da morte em seu primeiro mês de vida e que, em sua obra, "todas as figuras são uma determinação de sobreviver, no nível trágico que consigam alcançar" (BOURGEOIS, 2000, p. 127).

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Rio de Janeiro: Zouk, 2006.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURGEOIS, L. *Destruição do pai, reconstrução do pai*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- FREUD, S. O tabu da virgindade. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FUKS, B.B. O pensamento freudiano sobre a intolerância. In: *Psicologia clínica*. Rio de Janeiro, vol.19, n.1. p.59 - 73, 2007.
- IZUMINO, W.P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **Revista E.I.A.L. Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.
- MENEGHEL, S. et al. Cotidiano violento: oficinas de promoção em saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 193-203, 2000.

THE MALE DOMINATION: THE POWER OF THE DESIRE OF THE OTHER

Key-words: Male dominance, Power, Other's desire, Louise Bourgeois.

Abstract

This paper discusses the effects of male dominance and power of the Other's desire, from the testimonies of a Franco-American sculptor called Louise Bourgeois. We also use the psychoanalytical theory, the thinking of sociologist Pierre Bourdieu and a book of testimonies of the artist, which brings together a series of interviews, drawings and writings produced throughout her life. Initially, this paper makes a brief presentation of her biography, showing how the disappointment of her father with her birth as a woman produced a sense of risk of death and the search for survival through art. Subsequently, it discusses one of her works entitled 'The Destruction of the Father, and its effects, considered by her as therapeutic. Finally, it concludes that the trajectory of the artist and the artwork worked here can express a reaction against the symbolic violence that the representation of the Other's desire can bring.

O não-poder

Míriam Elza Gorender*

Unitermos: Inibição; poder; infinito; "novos sintomas".

Resumo

Este trabalho versa sobre os chamados "novos sintomas" como estreitamente vinculados à questão da inibição, e a partir daí faz uma revisão do conceito da inibição e procura estabelecer quais as formas tomadas por esta relação.

Para falar do tema desta nossa Jornada, "O Poder", escolhi tomá-lo em seu averso, e mirar mais de perto ali onde ele falta. Como frequentemente ocorre em Psicanálise, o negativo de algo revela-se pelo menos tão importante quanto sua face aparente. Muito tem se dito sobre os males psíquicos da cultura ocidental moderna. Entre a morte de Deus, o desaparecimento da figura paterna, a falta de uma "lei", há um comentário subterrâneo contínuo que se alimenta, de um lado, de uma nostalgia apontada para uma época áurea imaginada e, de outro, de uma fantasia de reparação de uma moralidade tanto mais imaginária quanto mais possa ser dirigida ao outro (a moralidade, aliás, desde tempos imemoriais costuma servir melhor aplicada ao outro, o que não ocorre com a ética). Entre psicanalistas vê-se uma profusão de discursos apelando a um nome-do-pai e a uma lei que parecem com frequência ter mais fundamento no Código Penal do que nas questões da linguagem, uma preocupação com novas formas da clínica, supostamente mais difíceis de demandar análise, quase como se pudesse haver uma dissolução das estruturas psíquicas e uma desumanização com saída da

linguagem na presença dos "novos sintomas". Quadros nos quais penso haver uma grande participação da inibição, da recusa e do negativo, enquanto nossos estudos têm tratado com maior cuidado das duas outras pontas da tríade inibição, sintoma e angústia.

Evidentemente nem tudo é falso, imaginário ou inexistente. Há novas dificuldades e mudanças contínuas. Mas qualquer revisão histórica demonstrará um passado tão cheio de horrores quanto o inferno inconsciente que cada um de nós traz em seu cerne é capaz de conceber, em nada ficando a dever aos do presente. A atração de um passado utópico provém, creio, de pelo menos duas fontes: a idéia de uma juventude ideal e para sempre perdida à qual se deseja retornar, motivação perene à memória inventada de nós mesmos, e a sensação, expressa pela idéia da morte de Deus, de ausência de referências fixas.

Onde antes predominava um discurso único há hoje uma pluralidade, uma quebra de hegemonia. Não por acaso Lacan passa, em seu estudo mais tardio, do nome-do-pai único aos nomes-do-pai, múltiplos, possivelmente mais frágeis e temporários. A falta de uma ancoragem firme e

*Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico da Bahia, professora adjunta do departamento de Neurociências e Saúde Mental da UFBA, doutora em psicanálise pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ

permanente é capaz de suscitar por si mesma uma angústia provinda deste aparente estar à deriva. O centro, como diz Derrida (1979, p. 231-232), tornou-se descentrado e a verdade muda e pode ser refeita por cada um, como num jogo labiríntico.

Assim como a sublimação, nem todos têm condições em sua estrutura para suportar a ausência de uma verdade absoluta, o que contribui para o aumento, entre outras coisas, de uma radicalidade e fanatismo nas crenças e ideais com redução na capacidade de diálogo e debate, ou de fenômenos inibitórios como uma verdadeira paralisia que fixa o sujeito a um horizonte restrito. Não se pode dirigir, não se pode comer, fazer sexo, fazer amigos, sair do computador, não se consegue sair das paredes familiares criadas por uma compulsão qualquer. Caso queiramos uma via de acesso mais clara a essas novas formas de sofrimento, urge uma melhor compreensão de seus laços com a inibição.

E como entender a inibição? Para Freud (1926, p. 91), na inibição há uma limitação de uma das funções do *eu*, enquanto que no sintoma há uma variação ou nova operação agindo sobre a função. Poder-se-ia pensar na inibição como representando um sinal de menos, ao que equivaleria o sintoma com o sinal de mais? As coisas não são tão claras conceitualmente, ainda mais quando diversas formas de inibição são hoje classificadas em si mesmas como sintomas. Basta pensar na esquivia social ou na anorexia. Quanto há de inibição e quanto de sintoma fóbico, por exemplo, na chamada timidez

patológica? Freud (1926, p. 93) vai também afirmar que a inibição de uma função do *eu* está relacionada à erotização excessiva de determinada parte do corpo. Por qual mecanismo agiria esse excesso erótico para colocar o *eu* na direção de uma imobilidade? Vejamos se entre Freud e Lacan conseguimos alguma pista.

Lacan (1962, p. 3), retornando à tríade freudiana, ordena seus termos em função de dois eixos: o do movimento e o da dificuldade, como se segue:



Como se pode ver, a inibição está aí no ponto de menor dificuldade e menor movimento, o que é coerente com as afirmações de Lacan, de um lado, de que é "da parada da locomoção que se trata" (LACAN, 1962, p. 3-4), parada de locomoção que pode ser metafórica, e, de outro, que a inibição é "um sintoma posto no museu". Por no museu é, ao mesmo tempo, preservar de forma imutável e também retirar de circulação. (BESSET, 2000, p. 31). A retirada de circulação põe efetivamente a inibição fora do discurso. Contrapondo-se ao sofrimento do sintoma, como trazido pelo analisando, há o silêncio da inibição. É assim que vemos relatos de inibição surgirem como que casualmente no discurso da análise, trazidos não como queixa principal ou como fonte de angústia, mas como um obstáculo, algo aparentemente

menor. Este algo menor tem mostrado, com perturbadora freqüência, ter relações estreitas com o sintoma trazido, de tal forma que a resolução de um não se dá sem o desaparecimento do outro.

Mas *ter* uma dificuldade no sentido de *não conseguir* ou *não obter* o que se almeja, aparece como distinto de *sofrer* de um sintoma. Talvez esteja aí o ponto de distinção: na inibição, o *sofrimento* do sujeito pode ficar, diferentemente do sintoma, *escamoteado*, por assim dizer. Na inibição, grosso modo, o sujeito não diz *sofro*, mas: "algo me *aborrece*". Este sofrimento *escamoteado* na *roupagem* da inibição nos remete ao *fora de circulação* do sintoma *posto no museu*, tal como sugere Lacan (1962, p. 4).

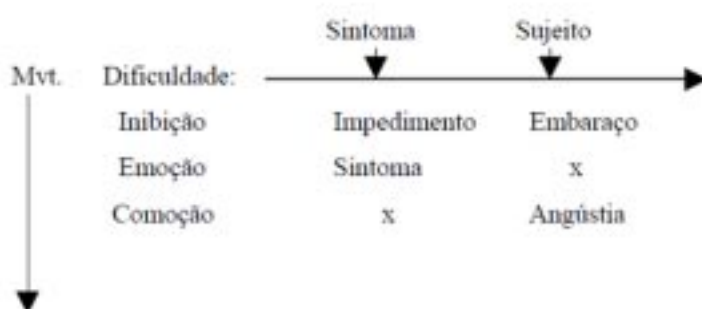
Algumas funções que proporcionam proveito e êxito podem ser inibidas pelo *eu*, que *renuncia* a elas para não entrar em conflito com o *isso*. São inibições freqüentemente ligadas às atividades profissionais. Segundo Freud (1926, p. 93), estão a serviço da *auto-punição*, vedando o acesso àquilo que um *supereu* severo negou. Entretanto, as inibições mais gerais do *eu* obedecem a um mecanismo diverso, mais simples. Quando se trata de uma *tarefa psíquica* especialmente penosa, como o *luto* ou a sufocação de *fantasias sexuais* que afloram continuamente, "o *eu* se vê obrigado a limitar seu gasto de energia em muitos terrenos ao mesmo tempo." A energia de que dispõe é pouca, tal como "o investidor que utiliza todos os seus recursos em suas empresas." (FREUD, 1980, p. 94). Duas das situações mais marcantes envolvendo este

mecanismo seriam a neurose obsessiva e, talvez, a perda de energia como parte dos estados depressivos, um dos vários quadros que a imprensa gosta de noticiar como "a doença do século". Ou seja, a partir do *eu* parece haver três diferentes mecanismos para a produção da inibição: aumento de erogeneidade do órgão, punição pelo supereu, empobrecimento do *eu* pelo gasto excessivo de energia. Seriam os três correlacionados?

com a inibição é profundo, o que pensar disto? Se a inibição vai acometer o órgão pela sua sobrecarga de erogeneidade e considerando-se que a mesma apresenta características próprias e particulares, como manter-se silenciosa, tender a um imobilismo que remete ao reino do inanimado, não se evidenciar a não ser por meios indiretos, mostra-se nisto mais próxima do gozo que o sintoma.

anjos fica mais interessante quando consideramos a questão do sexo dos mesmos. Poderiam os anjos ser castrados? Já o imbricamento entre estrutura, inibição e pulsão será melhor deslindado no seminário seguinte, aonde vai propor que a inibição se localiza precisamente na hiância entre o Real e o Imaginário (Lacan, 1977-1978, p. 9 e 44-47).

Por ser o tecido do Real algo impossível de se imaginar, a cada



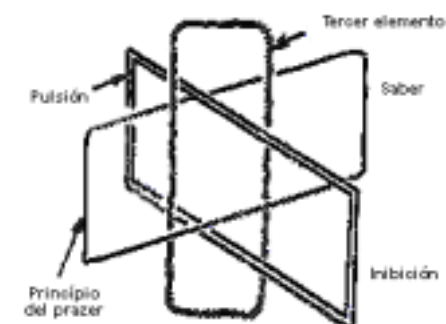
Neste esquema (Lacan, 1962, p. 4), vemos que, enquanto na inibição há uma parada do movimento, no sintoma este se encontra impedido. A diferença encontra-se em que no caso do sintoma a satisfação pode se dar, embora de forma substitutiva. "No *sintoma*, o processo substitutivo é mantido *afastado da motilidade*, sendo obrigado a se esgotar em uma *alteração do corpo próprio*." (FREUD, 1926, p. 95). O que significa que na inibição não há possibilidade de satisfação, embora não se possa dizer que o desejo esteja aí de todo ausente.

Temos já algumas definições, mas que ainda deixam muitas perguntas sem resposta. Particularmente me interessam as relações entre inibição e pulsão. Se os "novos sintomas" são formas de gozo, e se seu vínculo

Quinze anos depois de sua primeira investida sobre o tema, Lacan irá voltar ao seu estudo a partir de 1977, ao dizer que

[...] a geometria concerne expressamente aos anjos, e para o resto, quer dizer para a estrutura, não reina mais que uma coisa, é o que eu chamo a inibição. Inibição à qual acometo, quero dizer que me ocupo dela, que dela faço um problema. O problema que me proponho por tudo o que aqui lhes aponto como estrutura, está ligado a este único fato, que a geometria verdadeira não é a que se crê, a que resulta de espíritos puros, mas a que tem um corpo. É o que queremos dizer quanto falamos de estrutura (LACAN, 1977, p. 35).

É claro que a questão das relações da geometria com os



vez que este é invocado a partir do Imaginário esbarra-se nesta hiância. O que impera nas nossas inibições atuais não é da ordem de um gozo puro, e sim de uma multiplicação da imagem. Mas não de uma imagem qualquer. Trata-se especificamente de uma invocação a uma imagem do gozo, representado em toda parte pelos apelos ao infinito e ao ilimitado.

Segundo Koyré, a concepção da infinidade do universo começa, como não poderia deixar de ser, com os gregos. Os debates acerca do infinito foram uma constante nas escolas gregas. Foi durante o séc. V a.C. que Zenão de Elea mostrou que se o conceito de contínuo e de infinita divisão for aplicado ao movimento de qualquer corpo, então o movimento não existe. Zenão expôs a sua

argumentação com base em quatro situações hipotéticas, que ficaram conhecidas como os paradoxos de Zenão. Não existem registros na História que clarifiquem qual a razão que levou Zenão a desenvolver estes famosos argumentos. Talvez ele quisesse apenas ilustrar o pouco que sabemos sobre o tempo, o espaço, e tudo aquilo que não pode ser contado. De facto, depois da época de Zenão, a matemática não progrediu como se esperava. Nenhum dos problemas por ele propostos foi resolvido na Antiguidade. (POMBO, 2010a.)

Vejamos três de seus paradoxos.

O paradoxo do estádio: É impossível atravessar o estádio; porque, antes de se atingir a meta,

deve primeiro alcançar-se o ponto intermédio da distância a percorrer; antes de atingir esse ponto, deve atingir-se o ponto que está a meio caminho desse ponto; e assim *ad infinitum*.

Por outras palavras, se admitirmos que o espaço é infinitamente divisível e que, portanto, qualquer distância finita contém um número infinito de pontos, chegamos à conclusão de que é impossível alcançar o fim de uma série infinita num tempo finito.

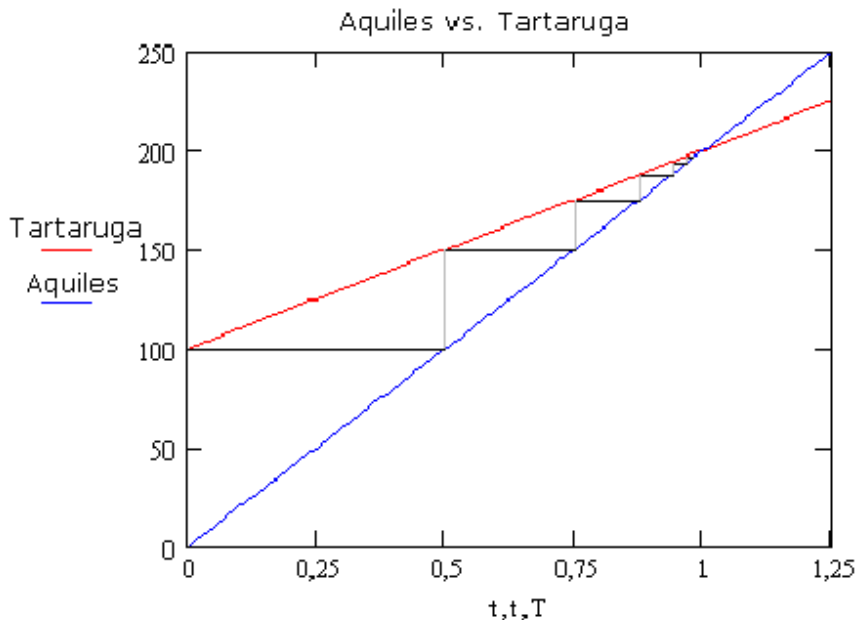
Aquiles e a tartaruga: Aquiles nunca pode alcançar a tartaruga; porque na altura em que atinge o ponto donde a tartaruga partiu, ela ter-se-á deslocado para outro ponto; na altura em que alcança esse segundo ponto, ela ter-se-á deslocado de novo; e assim sucessivamente, *ad infinitum*.

Deste modo, numa corrida, o perseguidor nunca poderia atingir o perseguido, mesmo que fosse mais rápido que este. A teoria do espaço que está aqui implícita é a que o supõe infinitamente divisível

A seta voadora: Um objeto está em repouso quando ocupa um lugar igual às suas próprias dimensões. Uma seta em vôo ocupa, em qualquer momento dado, um espaço igual às suas próprias dimensões. Por conseguinte, uma seta em vôo está em repouso.

O objetivo deste argumento é provar que a seta voadora está em repouso, resultado de se admitir a hipótese de que o tempo é composto de momentos; se não admitirmos esta hipótese, a conclusão não tem viabilidade. (Pombo, 2010b.)

Segundo Bento de Jesus Caraça,



Concluiu-se pela incapacidade numérica para resolver o problema das incomensurabilidades; portanto, pela degradação do número em relação à Geometria. Consequência: abandonou-se o que a escola pitagórica afirmara de positivo - a crença numa ordenação matemática do Cosmos - e retomou-se, a breve trecho, em termos cada vez menos nobres, o lado negativo das suas concepções. Concluiu-se pela exclusão do conceito quantitativo de infinito dos raciocínios matemáticos - a matemática grega toma uma feição cada vez mais finitista: invade-a o horror do infinito. Concluiu-se pelo abandono das concepções dinâmicas, sempre que tal fosse possível - a matemática grega é invadida pelo horror do movimento. (CARAÇA, 2000, p. 78, *apud* Pombo, 2010a.)

Muito mais tarde Gauss, no século XIX, torna a alertar: "não enfrentem o infinito de frente, nunca o olhem nos olhos." (DOXIADES, 2010, p. 126). Podemos ver que o pensamento do infinito e a ausência do movimento, na estrutura psíquica, caminham juntos. Quais os apelos ao infinito que permeiam o imaginário atual?

Recentemente retornava do aeroporto e ao passar por um outdoor com uma propaganda de televisão de LCD, ou algo assim, vi a palavra que melhor define, para nós, este apelo: *borderless*. Seguido da frase: ultrapasse os limites da imagem. Como viver sem bordas? É pelas bordas, pelos orifícios, que somos suportados corporalmente, bordas que precisam ser refeitas pela vida afora, delimitando os campos do sujeito e do Outro e justamente através das quais a pulsão se exercita. Sem bordas, o que fazer da pulsão? Sem limites, o infinito se traduz em imobilidade. A imagem cujos limites se ultrapassa é a do vazio. Para o que se preconiza, a transmutação da inibição em sintoma com o ganho da demanda, é necessário abrir mão de um infinito no qual todas as direções são equivalentes, todas as distâncias nulas, aceitando as frágeis e provisórias bóias de navegação de um mundo em mutação permanente.

Mas para toda perda há um ganho. O que perdemos em segurança e autoritarismo ao abrir mão de um centro fixo e inquestionável podemos compensar com toda uma riqueza de possibilidades, de caminhos e escolhas, de recriação de novas imagens de uma humanidade que

permanece, em seu fundamental, idêntica a si mesma. Ao comer do fruto da árvore do bem e do mal perdemos o paraíso, é verdade, embora este nunca tenha sido nosso. Ganhamos em troca todo um mundo, e o poder, antes divino, de criá-lo e recriá-lo. Tentação, abismo e prazer renovados a nossa espera.

REFERÊNCIAS

- BESSET, Vera Lopes. Inibição e sintoma: a angústia na clínica hoje. In: *Psychê*. nº 5. Ano IV. São Paulo: CEPP, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DOXIADES, Apostolos & PAPADIMITRIOU, Christos. *Logicomix*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. (1926). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- LACAN, Jacques. Seminário10. Classe 1: 14 de novembro de 1962. Psikolibro (Xerox).
- _____. Seminário 24. Classe 10: 15 de março de 1977. Psikolibro (Xerox).
- _____.Seminário 25. Classe 3: 20 de dezembro de 1977 e Classe 12: 9 de maio de 1978. Psikolibro (Xerox).
- POMBO, Olga.
- a. <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/cantor/histinfinito.htm>
acessado em 02/09/2010
- b. <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/cantor/aradzenao.htm>
acessado em 02/09/2010

THE NON-PUISSANCE

Key words: Inhibition, power, infinite, "new symptoms".

Abstract

This paper describes the "new symptoms" as closely tied to the question of inhibition, and then reviews the concept of inhibition, seeking to establish the forms taken by this relationship.

De que falo, se é que (é) falo: o significante do poder nas instituições de formação psicanalítica

Rui Maia Diamantino *

Unitermos: poder fálico; formação do analista; instituição psicanalítica; legitimação do analista.

Resumo

O falo se presta à metonímia, deslizando em sentidos que endereçam à questão do (não) poder. A instituição psicanalítica como locus de formação não tem escapado da equação do poder: nela a condição gozante desliza nas suas muitas camadas de inter-relações, a partir da sustentação do falo imaginário (signo do poder) que propicia o saber (sempre suposto) e a legitimação do lugar de analista (sempre precária). Questiona-se aqui o contexto institucional, onde o discurso da histórica e o discurso do analista caminham juntos na formação. Entre esses discursos, o discurso do mestre faz-se legitimador de poderes?

O falo se presta a múltiplas metonímias quando na condição de significante: *a priori* ele é presença e ausência, tal como se pode conceber em tempo da formulação freudiana, ao abordar o objeto privilegiado no homem e anelado pela mulher que busca o homem para tamponar o *penisneid*. Daí ele desliza na cadeia gerando sentidos que referem à posição do sujeito quanto ao seu desejo e ao desejo do Outro, lembrando o ensino de Lacan nos "Escritos" quando afirma "Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer [...]" (LACAN, 1998a, p. 700). É na dialética entre esses desejos que se imbricam, que a alienação entra em jogo.

Ora, a alienação é fundamento do poder. Lacan destaca na dialética hegeliana senhor-escravo que a alienação se dá entre ambos, muito embora se possa conceber uma alienação inicial do escravo ao desejo-poder do senhor quando este se apodera do corpo do escravo. Entretanto, permanece a condição de sujeito que subverte a equação do poder, jus-

tamente pelo gozo do senhor da servidão do escravo, de quem se torna dependente para fruir o gozo do Outro.

Afinal, de que lado está o poder? De quem supostamente se apodera do corpo do outro (como a) ou de quem se faz imprescindível enquanto gozo do Outro?

A instituição psicanalítica como *locus* de formação, onde se instauram muitos supostos, não tem escapado da equação do poder: nela a condição gozante desliza nas suas muitas camadas de inter-relações, a partir da sustentação do falo imaginário (significado do poder) que propicia o saber (sempre suposto) e a legitimação do lugar de analista (sempre precária). O saber se refere à transmissão e à legitimação do sujeito no laço coletivo do ofício, constituindo pares e atenuando a angústia de um fazer eminentemente solitário.

No registro argumentativo aqui desenvolvido se insere ainda a proposição lacaniana quanto ao fato de, sendo o ser humano marcado na sua relação com o significante pela incompletude, "[...] o falo é o significante privilegiado dessa marca, onde o logos se conjuga com o advento do desejo [...]" (LACAN, 1998a, p. 698). Tem-se, então, a função do saber, enquanto logos que se enuncia por

*Psicólogo formado pela UFBA. Mestre em Psicologia pela mesma universidade. Doutorando em Psicologia (2010.1) também pela Universidade Federal da Bahia. Professor Assistente da Universidade Salvador, UNIFACS. Exerce a clínica psicanalítica desde 2001.

quem ensina, ou seja, o Outro que transmite e legitima o lugar de analista, articulado ao desejo de um sujeito que anela por ocupar tal lugar. Evidencia-se, portanto, uma relação de poder que perpassa a formação do analista no contexto institucional, onde o discurso da histórica e o discurso do mestre caminham juntos na formação, "atropelando" o discurso do analista¹, sabendo-se que o discurso do mestre é o avesso do discurso da Psicanálise, conforme ensina Lacan no seminário "O avesso da Psicanálise" (LACAN, 1992).

Assim, uma primeira questão pode ser formulada cotejando o sujeito e o poder na perspectiva freudiana: como articular o que é marcado pela falta e pela correlata angústia de castração, com um significativo que remete à completude e à cópula (quando se derrape levemente na primeira consoante)?

Birman (1994) remete a um paradoxo que se estabelece entre o sujeito e o Outro: muito embora o sujeito do inconsciente se constitua a partir do Outro enquanto lugar da inscrição na ordem simbólica, a tensão que se estabelece entre a linguagem e as pulsões empuxa o sujeito a um confronto com as fontes do poder dimanadas da "associação humana" (BIRMAN, 1994, p. 113), estabelecendo a diferença do sujeito ou, a sua singularidade.

O ponto de vista acima introduz uma noção de política no sentido de que entre o sujeito e o corpo social, as contradições, não se resolvem: a Psicanálise propõe que a lógica do desejo confronta permanentemente o sujeito com as exigências da cultura e que o sujeito em parte a elas se submete, em parte as transgride e, em

muitas situações, em parte ou completamente dela se foraclui. No primeiro caso, o custo são as demandas da neurose, no segundo caso tem-se a montagem perversa e na foraclusão, os fastos da psicose.

Assim, a tensão aqui referida, a qual caracteriza o sujeito do inconsciente, coloca-o num persistente mal-estar frente ao estatuto simbólico, vale dizer, frente ao poder, seja o poder da parentalidade na dimensão microsocial ou o poder das instituições, na dimensão macrosocial. Por princípio, a pressão do poder visa normalizar para mediar os sujeitos e conciliar seus interesses singulares, possibilitando a vida civilizada.

A normalização fez parte de um fazer psicanalítico que se instaurou a partir da Associação Internacional de Psicanálise - IPA, fazer que "[...] se instituiu como uma moral de regulação das individualidades numa ordem social altamente competitiva, em que se prometia a felicidade pela aquisição de seus modelos de subjetividade, para a ascensão do indivíduo num espaço marcado pela mobilidade social. [...]" (BIRMAN, 1994, p. 119). Hierarquizada, a IPA fundou as bases de poder pela diferenciação entre analistas didatas e analistas terapeutas, estabelecendo critérios sobre a legitimação do ofício psicanalítico.

A normatização social proposta pela Psicanálise americana, pseudo-herdeira de Freud e a normatização da Psicanálise da IPA, de Eitington e Jones (ROUDINESCO, 2000), caminham lado a lado, carregando projetos de poder que se emparelhavam. Roudinesco (2003, p. 151) afirma que a IPA se transformou numa "[...] máquina de fabricar

¹ Lacan define em "O seminário, livro 17. O avesso da Psicanálise" a disposição do discurso em quatro termos desejo/verdade => Outro/perda, sendo que o discurso da histórica é definido por $\$/a \Rightarrow S1/S2$, o discurso do analista, $a/S2 \Rightarrow \$/S1$ e o discurso do mestre, $S1/\$ \Rightarrow S2/a$.

notáveis. [...] e que detém modelos de formação exportada para cada país.

Crítica da IPA, Roudinesco (2000; 2003) afirma que a "psicanálise dos notáveis" não sustentou o vigor das proposições freudianas, pois, deixou de lado o debate político e intelectual. Acima do bem e do mal, negligenciou a extensão social do campo, desinteressando-se do "[...] mundo real para se voltar para as suas fantasias de onipotência. [...]" (ROUDINESCO, 2000, p. 152). Recusas ostensivas ou veladas de temas como a homoparentalidade e a homossexualidade, enquanto expressões da diversidade contemporânea, integram a citada dissociação entre o mundo real e o campo das idealizações normativas da IPA, conforme Roudinesco (2003).

Como instituição que transmite um saber e forma analistas, a IPA vai se defrontar com momentos de ruptura, motivada pelo que Birman (1994, p. 134) denomina de "narcisismo das pequenas diferenças". Um desses momentos é a "excomunhão" de Lacan, em 1963, da IPA, quando este propôs a prevalência do tempo lógico sobre o tempo cronológico da sessão, questionou a formação de analistas, não concordando com a separação dos lugares do analista didata e do analista terapeuta, então praticada pela instituição e criticou a dissolução da transferência como marca de fim de análise (ROUDINESCO, 2000), tese defendida pela associação psicanalítica.

A "excomunhão" de Lacan traz em si as marcas da sustentação da herança e da identificação com o pai morto. Trata-se de um embate pela continuidade e ostenta-

ção fálica do legado freudiano.

No seminário "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise" (LACAN, 1998b) o tema da autorização e da autoridade abre o ensino no ano de 1964. Está também em questão o que seja efetivamente a Psicanálise. Subsumida a estes temas, a estrutura de poder questionada por Lacan aparece na homologia que este faz com a excomunhão de Spinoza da sinagoga, em 27 de julho de 1656, culminando com um encadeamento discursivo do ensino de 15 de janeiro de 1964, quando Lacan (1998b, p. 11) observa que há um "[...] singular bicentenário, pois, corresponde ao de Freud [...]", alusão que o identifica ao fundador da Psicanálise através de situação similar vivida por Spinoza. Roudinesco (2000, p. 154) considera que esse foi o genuíno motivo do rompimento, qual seja, "[...] Lacan restabeleceu, através de seu ensino e seu estilo, a imagem freudiana do mestre socrático numa época em que ela era julgada nefasta pela IPA [...]"

A posição de Lacan em confronto com a "psicanálise de notáveis" tornou-o um ídolo e um ícone não só na sua Escola Freudiana de Paris (ROUDINESCO, 2000) como para um amplo conjunto de adeptos de uma teorização que inicialmente buscou ser a "mais freudiana das freudianas" e se consolidou nos anos de 1980 com estatuto próprio e paralelo ao ensino de Freud.

Muito embora o ensino de Lacan se processasse em sessões públicas, diferentemente das sessões privadas dos encontros da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras promovidas por Freud (GAY, 1989; ROUDINESCO, 2000), a posição

profética e patriarcal eram muito similares. O cenário descrito por Peter Gay (1989) dessa sociedade reunida para entender as proposições do fundador da Psicanálise tinha um tom religioso, quando Freud dava a última palavra e procedia às autorizações de relatos e escritos. As palavras da autobiografia de Stekel, um dos primeiros seguidores de Freud, mostram o clima de exaltação que envolvia o nascimento da Psicanálise: Stekel seria "o apóstolo de Freud, que era meu Cristo!" (GAY, 1989, p. 170). Situação similar se observará nos seminários lacanianos onde um clima de reverência levará Lacan a explicitar ironias frequentes sobre o quanto os presentes, sejam os leigos ou seus seguidores, não alcançavam a magnitude das suas ilações. O signifiante fálico, endereçando à significação de poder pela via do saber suposto ao mestre tem, portanto, uma linha de continuidade entre Freud e Lacan.

Muito embora o lugar primacial de Freud no percurso da elaboração da Psicanálise, observava-se que seu senso de auto-crítica não o abandona, moderando o seu discurso e posição de saber com as experiências pessoais nas quais o sentimento de incompreensão e abandono por alguns mais próximos surge profissionalmente, tal como em "Um estudo autobiográfico" (FREUD, 1996{1925[1924]}). Ainda assim, o senso de maestria aparece no uso de expressões (constantes da Edição Standard Brasileira, portanto, traduzidas do inglês) como "[...] domínio sobre um número tão vasto de pessoas intelectualmente eminentes [...]" (FREUD, 1996{1925[1924]}), p. 57).

Surge aqui outra questão: é por causa da forma pela qual se instituiu a Psicanálise, qual seja, pela experiência pessoal e carismática de um "pai da horda", diga-se Freud e ou Lacan, que a instituição psicanalítica experimenta o "narcisismo das pequenas diferenças" em torno do falo, enquanto significante que conjuga logos e desejo (LACAN, 1998a) e se consubstancia como centro de irradiação do saber, da autoridade e da autorização? Outra questão: as análises dos que fazem a formação e a transmissão da Psicanálise não têm possibilitado a superação da colabagem² do pai imaginário que desliza em direção à Freud e Lacan, no sentido de realizarem-se outros modos institucionais onde a autoridade e a autorização não alienem os sujeitos que aspiram ao lugar de analistas às metonímias de um copião do pai primevo?

É observável no trânsito por muitas instituições psicanalíticas que há encaixes entre o discurso do mestre e o discurso da histérica. Isso equivale dizer que, quem transmite, ao enunciar o significante mestre que produz o saber, elide o sujeito barrado e coloca o Outro como objeto do seu gozo. Eis, então, a fórmula do senhor da dialética hegeliana citada no início deste texto. Quanto ao discurso da histérica, obviamente que ela confere ao mestre o saber do seu desejo sexual, a ele atribui o advir do S1 que vai dar conta do seu gozo. Aqui, tem-se a fórmula do escravo.

Como afirma Lacan (1992), é no quarto de volta que o discurso do mestre se transforma no discurso da histérica, ou seja, a subversão da condição senhor-escravo é uma iminência que norteia a

relação da formação do analista: tem-se o mestre por haver escravo que por sua vez sustenta o gozo do mestre sem o qual este não o seria. Engodo e *emgozo*³ maior, impossível. Em primeiro lugar, porque o discurso do mestre, em sendo o avesso do discurso psicanalítico, não pode produzir analistas, claro. Em segundo lugar, Lacan (1998b, p. 13) afirma que a verdade do sujeito, mesmo em lugar de mestre, não está nele, mas num objeto velado, objeto que "[...] é propriamente cômico [...]", ou seja, o que está em lugar de mestre na Psicanálise não sabe o que diz sobre o sujeito do inconsciente, embora fale muito (produzindo S2).

Paradoxalmente, o que se elide no contexto institucional psicanalítico é justamente o discurso do analista, o discurso que institui o semblante de objeto como desejo para que o sujeito barrado produza o significante mestre da análise.

Advém, então mais uma questão: que formação de analistas está se produzindo na contemporaneidade? Na continuidade da transmissão, que Psicanálise se ensina? Na práxis, que análises estão se processando na transferência?

Trago aqui, a título de reflexão em torno das questões aventadas, a proposição de Birman (1994, p. 135) sobre o esvaziamento do lugar de poder:

[...] o vazio nesse lugar soberano indica a existência de um mundo sem Deus, mundo secularizado pela ciência e dominado pelo poder dos homens. Nesse mundo desencantado, os homens devem inventar suas formas de saber e reinventar permanentemente seus

discursos, para estabelecer o diálogo entre si e remodelar a paisagem do universo. [...]

Ao abordar o falo, na dimensão do significativo do (não) poder nas instituições psicanalíticas, espero que d'isso (*ich*) tenha falado de modo (in) satisfatório e, ao encerrar este trabalho, lembro que o falo só pode cumprir o seu papel enquanto esteja velado (LACAN, 1998a). Portanto, *jouyceando*⁴ um pouco: logos de mestre não é em si falo, porque falo em si não fala, mas é silêncio... do analista.

² Pode-se usar colabagem no sentido de dois pontos que se colam pelo esvaziamento de um espaço antes preenchido por algo. Por exemplo: quando uma bola de futebol, um frasco de soro hospitalar ou um tubo de pasta dental se esvaziam, ocorre a colabagem das paredes desses objetos. Uma análise promove ou deve promover o esvaziamento da dimensão imaginária do pai, para dar vez ao discurso do sujeito que se autoriza na relação com o seu desejo. Assim, pretendo dizer que a colocação desses dois "pais" em lugar privilegiado no registro do imaginário, quase promovidos à deidades (depois dizem que psicanalistas não têm religião!), parece indicar uma colagem do sujeito que fez ou faz uma análise aos mesmos por um esvaziamento do seu desejo. Aliena-se, assim, aos signos de poder institucional. Tem acontecido, ao meu ver, que esse signo se correlaciona a alguns "mestres" na formação. Como, então, o sujeito autoriza-se a si mesmo, pelo seu próprio desejo, a ser psicanalista? Essa autorização fica quase sempre ancorada na palavra desse Outro-mestre.

³ O uso do neologismo busca enfatizar o caráter íncito dessa relação gozante, então estabelecida.

⁴ *Jouissance*, gozo em francês, se presta a uma provocadora condensação e homofonia com Joyce (James), escritor inglês que Lacan faz paradigmático na formulação do quarto nó borromeano no seu seminário sobre o sintoma. Mais que uma formulação, o fechamento deste texto foi uma emergência do isso comportando, assim, gozo e sintoma.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREUD, S. Um estudo autobiográfico. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, 20*, (pp. 11-78). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1925[1924]).
- GAY, P. Freud. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LACAN, J. *O seminário. Livro 17. O avesso da Psicanálise*. Tradução: Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- _____. *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução: MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.
- ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *A família em desordem*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Keywords: phallic power, psychoanalyst training, psychoanalytic institution, legitimation of psychoanalyst.

Abstract

The phallus is essentially metonymic. Its significance leads to the question of (lack of) power. The psychoanalytic institution as a locus of training has not escaped from the power equation: the enjoyment glides in its many layers of inter-relationships, sustaining the imaginary phallus (sign of power) that provides knowledge (always supposed to) and the legitimation of the status of psychoanalyst (always precarious). It discusses here the institutional context in which the hysteric's and the analyst's discourses go together in the training. Between these discourses, the master's discourse becomes legitimating powers?

O poder do objeto

Sonia Campos Magalhães *

Unitermos: psicanálise; poder; objeto; fantasia.

Resumo

Tomando como referência o conto dos irmãos Grimm - *Hans im Glück* -, citado por Freud em uma carta a Ferenczi, a autora busca trabalhar questões relativas ao poder do objeto na experiência psicanalítica.

Senti-me instigada a construir esse trabalho, que denominei "O poder do objeto", tomando como ponto de partida um conto dos irmãos Grimm. A minha atenção foi atraída por esse conto graças a um artigo do psicanalista Bernard Nominé - *Une histoire à dormir debout (Uma história extravagante)* - no qual ele nos diz que Freud, em uma carta endereçada a Ferenczi, em 10 de janeiro de 1910, refere-se à esse conto. Nominé nos leva a encontrar essa referência em um artigo de François Ansermet.

Vejam os:

Quando alguém revela os seus complexos infantis [...] ele é despojado de uma pele que abandona ao analista. No entanto, a Deus não agrada que ele esteja nu, sem pele! Nosso ganho terapêutico consiste em uma troca como no conto Hans im Glück (ANSERMET, 1994, p.22).

Nominé observa que Freud está se referindo ao conto de Grimm, intitulado em francês "Jean la Chance", e em português "João Sortudo" (Grimm, 2005, p. 221-226). Trata-se da história de João, um jovem que, após ter servido por sete anos a seu mestre, recebe, como pagamento, uma

barra de ouro do tamanho de sua cabeça. No caminho de retorno a sua casa, enquanto caminhava, "arrastando um pé atrás do outro", ele vê surgir um cavaleiro, a cavalgar, muito confiante e alegre, o seu fogueiro cavalo. João se maravilha diante do que vê e se queixa ao cavaleiro do quanto se sentia incomodado com o peso da sua barra de ouro. Este lhe faz, então, uma proposta: dar-lhe-ia o seu cavalo e, em troca, João lhe passaria a sua trouxa pesada. Realizada a troca, em um primeiro momento, João vai-se sentir encantado, cavalgando e dominando o seu cavalo... De repente, ao querer fazê-lo correr mais e mais, ainda, este vai atirá-lo ao chão. Prestes a fugir, o cavalo é detido por um camponês que vinha pela estrada trazendo uma vaca. Desgostoso com o seu cavalo, João passa, então, a imaginar o quanto seria bom ter uma vaca e não um cavalo. Já sonhando com o leite, a manteiga e o queijo que teria se ficasse com a vaca, ele vai aceitar a proposta do camponês de trocá-la por seu cavalo. Mas, ao tentar ordenhar a vaca, João não percebeu que, por mais que se esforçasse, dela não tirava nem uma gota de leite. A vaca, impaciente com o mau jeito de João, lhe dá um forte coice na tes-

*Psicóloga, Psicanalista, Analista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Brasil - Fórum Salvador, Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico - Salvador.

ta, deixando-o desacordado. João é socorrido por uma mulher que passava, levando o seu porco para o açougue. Ele passa a imaginar o quanto lucraria se trocasse a sua vaca por um leitãozinho como aquele! Até salsichas teria! Troca, então, a sua vaca pelo leitão, pensando o quanto era afortunado, pois, após cada troca, ele sempre saía ganhando. Mais adiante, João vai encontrar um rapaz levando um belo ganso branco debaixo do braço. Pararam para conversar e o rapaz levanta a suspeita de que João estaria a correr riscos ao ficar com o porco, pois ouvira dizer que ele teria sido roubado. Temeroso, João já se dispõe a fazer mais uma troca: a do seu leitão pelo ganso. Livrava-se, assim, do risco de ser preso e, mais ainda, ganharia muito: primeiro, um delicioso assado, depois a gordura do ganso e, por último, as belas penas brancas com que encheria o seu travesseiro para dormir regado...

Ao passar pela última aldeia, de volta a casa, João vai encontrar um amolador de facas com a sua carrocinha, cantando para a roda de amolar, que produzia um zumbido alegre. Seduzido por esse clima de alegria, João passa a pensar o quanto seria bom ser como o amolador de facas... E é assim que ele vai se dispor a aceitar a proposta que este lhe faz de lhe dar uma pedra de amolar para receber, em troca, o lindo ganso gordo de João. Passando-lhe a pedra de amolar, o afiador de facas, de sobra, lhe dá, também, uma outra pedra, um seixo comum, apanhado na beira da estrada.

A história nos conta que "João

pôs a pedra nos ombros e seguiu o seu caminho com o coração leve e os olhos brilhando de alegria".

Mais adiante, cansado, sedento, detém-se à beira de um poço para beber água e, "sem querer, dá um pequeno empurrão nas duas pedras que despencam dentro da água. Quando João as viu desaparecer diante de seus olhos, deu pulos de alegria e agradeceu a Deus por ter sido aliviado das pedras pesadas, extenuantes, supliciantes; e, mais ainda, sem que ele tivesse de se censurar por isso já que nem mesmo nisso pensara".

No artigo de Nominé, acima citado, ele nos convida a refletir sobre a pertinência da metáfora proposta por Freud na sua carta a Ferenczi.

Há, segundo Freud, um "ganho terapêutico", na análise. Este ganho se dá à semelhança das trocas sucessivas feitas pelo sujeito das quais se pode dizer, *a priori*, que, no registro das perdas e ganhos, parecem desastrosas. No entanto, quanto mais o sujeito se despoja, mais feliz ele fica.

Nominé observa que há algo intrigante na carta de Freud a Ferenczi, pois, no final da referência acima citada, ele coloca mais uma frase: "La dernière rognure ne tombe dans le puits qu'avec la mort elle-même" (NOMINÉ, 1994, p.79) - o último dejetto só tomba no poço com a morte. Essa frase leva Nominé a indagar sobre a razão que teria Freud para introduzir a morte nessa questão, já que não há alusão a ela no conto.

No conto dos irmãos Grimm, podemos perceber que, a cada troca, o sujeito se regozija e se ale-

gra por se sentir mais leve e mais feliz que antes. No final da história, João Sortudo já não tem mais nada e a história termina por nos dizer que, "com o coração alegre, livre de todo fardo, ele se levanta e, com um passo alerta, sem se deter mais, chega à casa onde habitava sua mãe".

Voltemos, então, à pergunta de Nominé: por que teria Freud introduzido a morte na sua carta a Ferenczi? Teria ele querido se referir à infinitude da análise ou estaria se referindo à pulsão de morte?

Nominé se dispõe a observar a lógica dessas trocas de objetos entre o sujeito e o Outro: no conto dos irmãos Grimm, João Sortudo acabara de receber de seu mestre o objeto de troca por excelência - o padrão a partir do qual se avalia tudo o que se troca - a barra de ouro. Com isso, ele vai retornar à casa de sua mãe. Em termos psicanalíticos poderíamos dizer que João Sortudo herdou o falo e que, no caminho de retorno à casa materna, ele fica embaraçado com isso. Ele o troca, de início, por um primeiro objeto que seria aquele que melhor simbolizaria o domínio do sujeito.

Trata-se aí de uma metáfora do objeto anal. Em seguida, João Sortudo vai trocar o cavalo por uma vaca, depois por um porco, depois por um ganso - três objetos do registro do oral. No entanto, a troca vai mais além... o amolador de facas fará brilhar, diante dos olhos de João Sortudo, algo que conseguirá fazê-lo soltar o objeto oral. E o que é surpreendente é que esta alguma coisa nada mais é que uma pedra apanhada na beira da estrada, aliás,

bem pesada. A partir daí, não há mais outro para organizar a troca. Há, apenas, a "escolha" de abandonar a pedra no fundo do poço, que nada lhe pedira.

Seguindo Freud, poder-se-ia dizer que o caminho percorrido por João Sortudo é o mesmo de uma análise. A experiência analítica resultaria em uma série de fragmentos, de pedaços, dos quais o analisando se desfaz até o último, que se deixa tombar, enfim, no poço.

Em termos psicanalíticos, poderíamos entender, aí, enquanto poço, o furo do real?

Pergunto-me, então, agora: como justificar o título deste trabalho: *O poder do objeto*?

Numa tentativa de dar conta dessa questão, remeto-me, primeiro, ao artigo *Escritores criativos e devaneios*, que Freud intitulou em alemão *Der dichter und das phantasieren (O poeta e a fantasia)*. Nele, Freud nos fala da tentativa incessante que faz o ser humano para reencontrar algo suposto perdido. A criança tenta encontrá-lo no brincar, que é, segundo Freud, a ocupação favorita e mais intensa da criança. Ao crescer, o homem parece renunciar aos jogos da infância. No entanto, adverte-nos Freud, "não renunciamos a nada, só fazemos trocar umas coisas por outras. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado" (FREUD, 1987, p.150-151). Uma vez adulto, o ser humano, no lugar do brincar, vai recorrer à fantasia.

Será, então, sob a orientação da fantasia que o sujeito buscará encontrar o objeto que preencheria a falta. Será preciso lembrar,

no entanto, de mais uma advertência de Freud: nesta busca para encontrar o objeto perdido, nenhum objeto vale mais do que o outro.

O analista disso está advertido. Em seu *Seminário Livro 8, A transferência*, vemos Lacan a dizer que "não há objeto que tenha maior preço que o outro" e acrescenta: "aqui está o luto em torno do qual está centrado o desejo do analista" (LACAN, 1992, p. 381).

Em uma experiência de análise, qualquer que seja o percurso do analisando, é importante que haja como parceiro "o desejo do analista".

O poder do objeto está no fato de que o objeto "não é isso", o que levou Lacan a propor uma fórmula para a demanda: "peço que me recuses o que te ofereço porque não é isso" (LACAN, 1982, p. 152). A esse "não é isso", ele vai chamar objeto a. Lacan propõe ao analista, não que ele seja este objeto - pois é impossível - nem mesmo semblant deste objeto, mas que, ocasionalmente, ele seja o lugar de *semblant* para deixar o objeto a operar conforme a ética da psicanálise.

REFERÊNCIAS

- ANSERMET, François. "L'enfant comme réel". *L'enfant et le désir du psychanalyste*. Série de la Découverte Freudienne. Toulouse: Universitaires du Mireil, 1994.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. V. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GRIMM. *Contos*. Organizado, selecionado e prefaciado pela Dra. Clarissa Pinkola Estes; ilustrado por Arthur Rackham; tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LACAN, Jacques. A Transferência. *Seminário Livro 8*. Cap. XXVII: O analista e seu luto. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. Mais, ainda. *Seminário Livro 20*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- NOMINÉ, Bernard. Une histoire à dormir debout. In: *L'enfant et le désir du psychanalyste*. Série de la Découverte Freudienne. Toulouse: Universitaires du Mireil, 1994.

THE POWER OF THE OBJECT

Key words: psychoanalysis; power; object; phantasy.

Abstract

Using as a reference a Grimm Brothers's short story - Hans in Luck - mentioned by Freud in a letter to Ferenczi, the author approaches questions related with the power of the object in the psychoanalytical experience.

O poder do grupo na formação psicanalítica

Virgínia Lúcia Britto*

*Mudam as estações e nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Está tudo assim tão diferente [...].*

Unitermos: Formação psicanalítica; poder; grupo

Resumo

A partir da sua experiência como coordenadora de uma turma para formação psicanalítica, a autora faz considerações a respeito da importância do trabalho com os fenômenos de grupo e da constituição de um grupo para a construção desse percurso.

Março de 2006, chegam à instituição candidatos para o curso de teoria psicanalítica. Nasce uma nova turma!

Como será esta casa? Pensa quem chega. Como toda chegada, um encontro com o novo, como sempre, traz o antigo, aquilo que se foi e ficou no umbigo. E o cordão, como está? Atado? Solto? Ferido? Cicatrizado? Sujeitos marcados pela pré-história fazem um mosaico com essas histórias que se cruzam entre as pessoas ali agregadas em torno do texto freudiano. Por que e para que estão ali? Não sabemos e talvez nem elas próprias. Desafio este para nós, a partir de uma reunião de indivíduos constituirmos um grupo.

Na chegada, surge alguma estranheza dos membros da instituição: Quem são essas pessoas? Como irmãos mais velhos, como se sentem com a chegada dos caçulas? Ameaça? Perda do colo? Dividir a mãe e o pai? Dividir o território? Perda ou ganho? Acréscimo ou ameaça de usurpação? Possibilidade de recriação ou repetição ante uma ameaça de castração?

Velas içadas, iniciamos uma viagem. Em março de 2006, éramos quinze marujos: alguns

saíram, outros ingressaram, os desejos vão sendo delineados, chegando ao porto final em junho de 2010: Ana, Cassandra, Cinara, Dalvinéia, Gabriel, Jáureo, Maira, a turma O, 15º grupo de formação psicanalítica do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Barco lançado ao mar, começamos esta viagem rumo à história da psicanálise, atravessamos o *inconsciente* em Freud com os atos falhos, sonhos, chistes; caminhamos rumo ao social, visitamos a psicologia dos grupos, o *mal-estar na civilização* e perguntamos: onde nos leva o *futuro de uma ilusão*? Desenterramos *Gradiva*, nos engasgamos com *Totem e Tabu*, e aí? Para onde vamos com tanto desamparo? Viajamos até *Michelangelo*, *Moisés*. Paramos nas lembranças encobridoras e no Édipo, sempre reinando. Vida e morte no *mais além do princípio do prazer* e, em seguida, visitamos os pós-freudianos, um desafio! Para, afinal, chegarmos aos casos clínicos de Freud, o estudo da técnica psicanalítica, e à questão: O que é ser psicanalista? Como serei na clínica? Será que posso? Será

*Música de Renato Russo: "Por Enquanto".
www.musica.com

*Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia.

que consigo? Atravessamos a casuística e vimos que perfeição não existe, mas existe o desejo de sermos psicanalistas, existe o desejo de que nossos analisandos façam análise, existe a seriedade de um trabalho pautado na ética do bem-dizer, no afeto que faz liga e traz algum sentido para esse existir como humanos, seres marcados pela impotência ante as contingências da vida.

Em águas ainda por mim desconhecidas, naveguei com a turma, com um frio na barriga, mas acreditando no poder desse desejo de contribuir com a formação psicanalítica e de percorrer com o novo grupo um estudo sempre renovado do texto da psicanálise.

Nesse momento, com a chegada de pessoas novas à instituição, fenômenos de grupo acontecem, a homeostase psíquica grupal é rompida. Como uma casa que se desarruma ao chegar objetos novos, necessita-se de uma nova organização.

O que desejam aqueles que chegam? Como em todo nascimento, o que quer um filho senão ser aceito e amado pela família? O que pode demandar um grupo de estudo senão ser recebido com as suas diferenças, ser acolhido ao invés de temido? Esses temores são evocados a partir dos componentes esquizo-paranoides que o novo suscita, tanto no individual como no sujeito do grupo.

Nesse momento, a figura do coordenador de turma assume um papel fundamental ao lidar com esses componentes que emergem tanto do grupo em

formação como dos membros da instituição. Podemos constatar, através da nossa vivência, que um coordenador não é apenas um executor de tarefas, um distribuidor de textos ou alguém que consegue colegas para desenvolver os seminários com a turma. O coordenador é o representante da instituição para aqueles que ingressam, é com ele que o grupo estabelecerá um vínculo transferencial, é ele que vai acatar ou rejeitar aqueles que chegam ou, então, ser tomado como agente de uma rejeição institucional, apesar de não concordar com posturas adotadas pelo grupo da instituição, porém, muitas vezes, sem nada poder fazer. É ele quem vai absorver as diferenças ou rechaçá-las, trabalhar os conflitos e lidar com os impasses do grupo. É o coordenador que vai servir de para-choques para os impactos que surgem dos membros da instituição em relação ao estranho que emerge com a entrada de elementos novos no grupo.

Sob as mais diferentes roupagens, surgem os sintomas dos membros da instituição com relação à turma em formação, assim como ao trabalho do coordenador. Do outro lado, as solicitações do grupo de estudo podem ser traduzidas numa demanda de aceitação e reconhecimento. Neste jogo de forças, a conflitualidade grupal, no sentido expresso por René Kaës (1997), tende a seguir dois caminhos: se a nova turma é aceita, surgem o sentimento de pertença ao grupo e o desejo de participação nas atividades da instituição, com ganhos

inusitados para todos. Fica evidente a construção de um caminho com a elaboração do material reprimido que emerge não apenas dos sujeitos do grupo de estudo, assim como do grupo que já pertence à instituição. Assim, um novo arranjo pessoal e grupal torna-se possível, e, nessa recriação, a vida renasce e o espírito se renova; surge a possibilidade de, recriando-se, permanecer vivo, ou seja, constituindo-se no dizer psicanalítico. Se, ao contrário, sobrevém a recusa, o grupo de estudo se esfacela, e a morte se presentifica no isolamento e, posteriormente, na saída deles da instituição por se sentirem sem espaço nesta - a pulsão de morte torna-se soberana.

Desde o curso de psicanálise, na condição de aluna, percebi a peculiaridade desta tarefa e a impossibilidade de caminhar com a transmissão sem estarmos atentos para os mecanismos de formação e funcionamento grupal. Afinal, um grupo não é a soma de indivíduos, ele se constitui a partir de uma construção psíquica comum, com fenômenos psíquicos específicos (KAËS, 1997). É importante que nos posicionemos com relação aos problemas da realidade psíquica nos grupos e nas instituições, em vez de olhar os fenômenos grupais como expectadores de uma película cinematográfica a observar e registrar os fatos. Penso ser fundamental, para o desenvolvimento da formação psicanalítica, da instituição e do saber psicanalítico, uma particular atenção para os fenômenos grupais. Pergunto:

Como trabalhar com formação psicanalítica sem atentar para a importância de transformarmos juntos aquela reunião de pessoas em um grupo? Grupo este em que sejam possíveis as diferenças de cada um, em que essas diferenças possam ser acolhidas e possamos, assim, tornar viável a emergência do recalcado, sem reafirmar a repressão embutida na busca do igual. Como trabalhar com formação psicanalítica sem privilegiar a escuta e a palavra?

Na conclusão do curso de formação, em 8 de junho de 2010, dediquei esta carta ao grupo:

Querida turma O:

O que, além do afeto, nos uniu? O que fez com que permanecêssemos lado a lado neste território cheio de fendas e minas da psicanálise? Digo minas em duplo sentido: de campo minado, sujeito a explosões, e fonte de riqueza, possibilitando construções. Caminhamos nesse território atravessado pela dualidade das pulsões, onde a vida e a criação podem prevalecer e o prazer triunfar.

Agradeço a vocês pela oportunidade de me debruçar sobre os textos de Freud e, nessa nova releitura, temperada pelas tantas questões preciosas que me fizeram, poder levantar tantas perguntas e caminhar por tantas fendas ainda não percorridas. Obrigada pela possibilidade desse convívio em grupo, grupo este que conseguimos constituir acolhendo as diferenças a partir de tantas discórdias, conquistando a possibilidade de saber além das nossas fronteiras e de conviver além do nosso "umbigo", vendo o outro

como alguém que sente, pensa e valora de forma diferente de nós mesmos. O nosso legado não foi feito através de palavras, nem as minhas são simplesmente palavras bonitas impressas em um papel, como é tão comum no humano, muitas vezes mais sofista que socrático. Nosso legado foi construído a partir do não saber, de suor, sangue, lágrimas e sorrisos; foi construído através dessa possibilidade de dizer a verdade, sempre não toda, mas dita, com uma disposição afetiva de chegar até o sentimento do outro atravessando as nossas dificuldades e limitações, usando as palavras, não de forma cínica para dizer: é isso mesmo, ou seja, *consumatum est*, mas para fazermos questão e, antes de qualquer coisa, permitir um olhar e a pergunta: - Onde eu errei? É sempre muito fácil apontar o erro do outro, difícil mesmo é olhar o próprio! Foi olhando os nossos erros que nos constituímos um grupo, foi enfrentando-os que conseguimos caminhar e transformar essas dificuldades em uma criação: A Turma O, hoje nossos colegas. O Círculo Psicanalítico da Bahia, nave mãe, reconhece e regozija-se com este legado que são vocês, psicanalistas que honram a nossa casa, casa esta que se constitui e somente poderá permanecer constituindo-se através do trabalho, da produção e, antes de mais nada, da transferência institucional, que só pode existir e vincular onde o afeto e a vida prevalecem.

Para finalizar, trago um trecho do livro *O Diário de Bruno*:

Sei que quando damos, deixamos de ter e aí há uma perda ou um luto. Por isso o ato de dar inclui ganhos insuspeitos

para o altruísta. Ou, volto a invocar Barthes quando diz que o sujeito sabe que o que ele está dando ele não tem. É isso, ser menos humanista. Dei a eles o que não tinha e por isso não sou generoso. Imaginar-me com esta virtude é me escravizar a um heroísmo que me custará caro. E em minha crise de amor não me encontrarei nem pela virtude nem sendo generoso, pois isto não me leva ao que sinto ser o meu caminho (CORRÊA, 2008).

Virgínia Lúcia Britto
8 de junho de 2010.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Virgínia Lúcia. Recortes de uma história. In: *Revista Cogito*. Salvador: Círculo Psicanalítico da Bahia, p.129-131, 2005.

_____. Um lugar sem pai ou um eixo para a subversão institucional: história da institucionalização da Psicanálise na Bahia com o Círculo Psicanalítico da Bahia (1971 - 2004) - Um Estudo de Caso. Salvador, 2005. 117 p. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia.

CORRÊA, Carlos Pinto. *O diário de Bruno*. Salvador: Macunaíma, 2008.

_____. Três tempos históricos: Lacan, pré e pós. In: *Topos*. Revista de Psicanálise, Salvador: ano 12, n. 12, p.85-93, 2009.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 89 - 169.

KAËS, René. *O grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

**THE GROUP'S POWER IN PSYCHOANALYTIC
TRAINING PROGRAMS**

Key words: Psychoanalytic formation;
power; group.

Abstract

The author writes about her experience with psychoanalytic training and makes some considerations about the importance of group phenomena in this process.

Sigmundos: potência e poder.¹

Wagner de Angeli Ferraz*

ergo sum, aliás, Ego sum Renatus Cartesius, cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis, - vejo o mar, vejo a baía e vejo as naus. Vejo mais. [...] As tripas podres do Eu: monstruosidades se escondem por trás do eufemismo, deixando cacofonias transpirem, delícias. [...] Queimo tudo isso aí, teimo em ficar irreconhecível. Quem me busca entre as cinzas de mim? Soletra que te soterra. Brasília, enlouqueceste Cartesius? Sou louco logo sou.

Paulo Leminski, *In Catatau*².

Unitermos: clínica; política; desejo; criação.

Resumo

A partir do contexto de criação da psicanálise, o texto pretende analisar o deslocamento do olhar freudiano que rompeu com o discurso médico e possibilitou ver-ouvir a denúncia do corpo erógeno na histeria contra as formas de controle social da Viena *fin-de-siècle*, o que revela as relações entre desejo e política, já há algum tempo menosprezadas na clínica. Em seguida, toma a passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle para situar a clínica psicanalítica enquanto prática de resistência micropolítica do desejo frente às formas de servidão capitalistas, que hoje produzem novos modos de sofrimento e adoecimento psíquico. A experiência da análise é uma aposta na potência de criação do homem e na possibilidade de conquistar novos territórios existenciais.

No fim do século XIX, movido por um desejo revolucionário, Freud criou algo que gerou efeitos sociais, políticos e clínicos - a despeito de certo cinismo barroco da era Vitoriana -, o que torna possível dizer que produziu uma dobra no mundo ocidental, que até hoje se desdobra. Mas, o que criou Freud? Se, por um lado, obviamente, podemos dizer que inventou o inconsciente, a psicanálise, por outro, podemos pensar que foi capaz de escutar o que ninguém mais, naquele momento, pôde fazê-lo, a saber: a denúncia do corpo erógeno na histeria contra as formas de controle social da Viena *fin-de-siècle*. Foi a histórica quem o ensinou a escutar, tendo inclusive mandado que se calasse, ao que atendeu e entendeu, demonstrando que podia declinar do saber-poder, deslocamento essencial para a criação. Mas em nada isso foi fácil para Freud, e lhe custou caro, ao bolso e à saúde. Sobre a saúde de Freud, Regina Neri (2005) disse algo interessante:

Tomando de empréstimo algumas formulações de Deleuze em *A literatura e a vida* (1997), parece-nos

que Freud, esse médico-escritor, 'não goza de uma saúde de ferro, mas de uma frágil saúde irresistível que provém do fato de ter ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo, devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis' (NERI, 2005, p. 102).

Pouco mais de um século depois, mais precisamente hoje, ocasião em que a psicanálise avançou em teoria e técnica e se constituiu como um legítimo campo de saber, além de gozar de razoável prestígio social, é também o corpo erógeno o enunciador de novas denúncias contra as requintadas formas de controle na contemporaneidade - isso remete à passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Então, temos uma questão: a psicanálise é, hoje, capaz de escutar as novas formas de adoecimento?

No ambiente cientificista do fim do século XIX, e seu agravante acadêmico metodológico, Freud foi sensível ante o desconhecido, ousou se lançar em empreitada arriscada, sem bússola ou

*Psicólogo, com estudos em psicanálise.

mapas, e foi justamente por isso que conseguiu cartografar o corpo desejante na histeria que escoregava entre os dedos da medicina. Ainda hoje, a medicina confunde o corpo com o organismo, menos por ignorância que por escusas relações do saber-poder no mercado da farmacologia, aliás, ciência que rende muitos dividendos.

No texto *Um olhar sobre a clínica das neuroses*, Carlos Pinto Corrêa (1996), buscando compreender porque Charcot teria se tornado tão importante para Freud, cita o trabalho de Antônio Ribeiro intitulado *Freud e o corte no discurso médico*, onde diz o seguinte:

Ele (Antônio Ribeiro) nos lembra que o sintoma petrificado apresentado pelo doente e exposto não falava. Quem falava era Charcot e era para ele que se dirigia o olhar, o olhar de todos. A pulsão escopofílica da platéia já não se encontrava só e isolada neste espetáculo, pois já tinha a companhia da pulsão invocante representada por seu objeto a: a voz. A importância não está pois no que se poderia aprender naquela clínica, mas em tentar ver Freud vendo Charcot. A relação fundamental é feita com o mestre de quem esperava a palavra final definitiva. Ele proferia do lugar do saber um discurso oficial e se exibia 'dando a Freud a oportunidade de ver-ouvindo, pois anteriormente ele apenas via' (CORRÊA, 1996, p. 56).

Ao olhar para a histérica ouvindo o discurso do mestre, ou seja, a partir deste deslocamento do olhar, efeito de um desejo subversivo, Freud rompeu com o saber institucionalizado, provocando

uma fissura, uma dobra, uma abertura. Um pouco mais adiante no texto, prossegue Carlos Pinto Corrêa:

A experiência de ver o doente, ouvindo o discurso sobre a doença, revelou a Freud a opção de deixar o discurso do saber e se colocar na posição do objeto que escuta aquele suposto saber sobre o outro. Na verdade, a fundação da psicanálise só foi possível quando Freud pôde, ao ver o paciente, ver a si mesmo como impotente. Daí, ao se colocar na posição do paciente, abriu as possibilidades para tudo que passou a ocorrer na clínica psicanalítica. É por tudo isso que o psicanalista se constitui como clínico através da experiência de antes ter estado na condição de paciente (Ibid., p. 57).

O olhar de Freud se deslocou do ponto para onde convergiam todos os olhares, tomando o rumo do desconhecido, o desconhecido do outro e de si mesmo, território inquietante, de muitos estranhamentos, e, por isso, preenche de novas possibilidades. Essa ruptura produziu uma abertura para novos campos de possível, criando condições para o nascimento da psicanálise e, de alguma maneira, pré-enunciava uma política do desejo.

As condições de criação da psicanálise apontam para a relação entre política e desejo, ainda que, posteriormente, desde quando os psicanalistas já dispunham de muitos mapas, determinadas práticas clínicas fossem um exercício de cisão desta relação, motivo pelo qual os marxistas sempre acusaram os psicanalistas de reacionários - a alienação do *setting* e o problema da clínica

¹A expressão *Sigmundos* é criação do poeta baiano Marçal Barreto, no poema *Anti-fábula fálica (revelações pós viagra)*, ainda não publicado..

²Sobre o romance-ideia *Catatau*, no *Jornal do Escritor*, nº 6, de 1969, Rio de Janeiro, Leminski escreveu "*REPUGNATIO BENEVOLENTIAE*. Me nego a ministrar clareiras para a inteligência deste catatau que, por oito anos, agora, passou muito bem sem mapas. Viremse".

burguesa. Mas acontece que, enquanto uma parte dos psicanalistas estava trancafiada nos consultórios ou entrincheirada nas disputas institucionais, a terra se movia, porque a terra é viva, e sobre ela se moviam as populações. É interessante a relação entre marxismo e psicanálise, porque, se os marxistas excluíram o desejo da análise política, a psicanálise, especialmente no âmbito das instituições, durante algum tempo excluiu a política da clínica, o que instalou um problema, já que a clínica psicanalítica tem um compromisso com o desejo. Foi preciso que Michel Foucault construísse o conceito de micro política para clarear nossas idéias sobre as operações de poder nas relações, portanto, tornando evidente a indissociabilidade entre desejo e política.

O compromisso da psicanálise com o desejo torna inseparáveis a clínica e a política, impondo a necessidade de pensar as formas de exercício do poder na contemporaneidade. Mas essa investigação é complexa, posto que o capitalismo tem uma potência de recuperação. Sempre que algo descodificado flui sobre o corpo social, a máquina capitalista produz um axioma a mais, codifica e territorializa. Os fluxos desterritorializados oferecem risco à sociedade porque não respondem a nenhum código, entretanto, logo são decodificados e absorvidos, engolidos pela máquina. Neste processo, o desejo é capturado, mas capturado ao mesmo tempo em que as subjetividades são produzidas incessantemente na máquina capitalista. Sobre isso, disse Deleuze:

[...] mais que marcar as pessoas

(pois esse é o meio aparente), para a função mais profunda, que é: uma sociedade só teme uma coisa, o dilúvio. Ela não teme o vazio, nem a penúria, nem a escassez. Sobre seu corpo social, alguma coisa flui e não se sabe o que é, alguma coisa que não é codificada, e que, em relação à sociedade, aparece como não codificável. Alguma coisa que fluiria e arrastaria esta sociedade a uma espécie de desterritorialização, que faria fundir a terra sobre a qual ela se instala... (DELEUZE, 1971, p. 2).

O corpo social se define pelos fluxos que correm sobre ele, sempre codificando o que escapa aos códigos, o que requer uma capacidade de remanejamento dos códigos para açambarcar os fluxos perigosos. Rarefação das condições de vida a sociedade pode suportar, mas o estranho - o inquietante³ - abala o aparelho repressivo, em um primeiro momento, para logo em seguida se produzirem novos axiomas que permitem a codificação⁴. Mas Deleuze identifica um paradoxo fundamental no capitalismo como formação social, vejamos:

[...] se é verdadeiro que o terror de todas as outras formações sociais foram os fluxos descodificados, o capitalismo, por sua vez, se constituiu historicamente sobre uma coisa inacreditável, sobre o que fazia todo o terror das outras sociedades: a existência e a realidade de fluxos descodificados dos quais fez seu negócio (Ibid., p.4).

Neste sentido, o capitalismo se constituiu justamente a partir daquilo que as formações sociais que o antecederam tentaram evitar. O que para elas signifi-

cava pânico, terror, ruína, é justamente o que está na base do capitalismo.

O capitalismo tem, inicialmente, uma forma ibérica, ultramarina, expansionista, um investimento no desterritorializado do mar, e no desconhecido do além mar⁵, balizado no princípio da conquista e domínio do desconhecido para agregar maior valor à metrópole. Entretanto, hoje, o capitalismo contemporâneo se mantém na variação infinita, modulações que transcendem a noção de estado-nação⁶, um desejo do ilimitado que se realiza nas "redes infinitas, hiperconectivas e paradoxais, porque, ao mesmo tempo, comportam esperança e perigo" (PASSOS, 2004, p. 159). É a questão da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle.

Em *Vigiar e punir* Michel Foucault (1987) mostra, basicamente, duas formas de poder, o poder soberano, no escravismo e no feudalismo, e o poder disciplinar, no capitalismo. O soberano extrai, retira algo do servo sem nada dar em troca e mostra seu poder na forma da violência explícita sobre o coletivo. Já a partir da constituição da sociedade disciplinar - depois que o rei ficou nu -, no capitalismo, o poder é descentralizado, invisível e onipresente, e controla o tempo, o corpo e a vida das pessoas. A sociedade disciplinar produziu saberes-verdades, não só para se justificar, mas para a docilização dos corpos, e o fez produzindo tecnologias de controle, operadas pelas instituições (escola, fábrica, família, hospital⁷ etc).

O fundamento da sociedade disciplinar era o enclausuramento, mas hoje, na contemporaneidade, há controle contínuo e comunica-

ção instantânea, uma época das máquinas cibernéticas e dos computadores. Cláudia Neves (1997), no texto *Sociedade de controle, o neoliberalismo e os efeitos de subjetivação*, disse:

Uma das engenhosidades das sociedades de controle é operar por um tipo de controle que nunca destrói as coisas completamente, mas, ao contrário, não as deixa jamais terminar. É o que Deleuze chama de um poder de modulação contínua. Pois se nas sociedades disciplinares o empenho se dirigia para moldar os corpos a determinados modelos e verdades, nas sociedades de controle os moldes não chegam nunca a se constituir totalmente. Transformam-se contínua e rapidamente em outros moldes, impedindo a identificação dos modelos de moldagem (NEVES, 1997, p. 86).

Pensar os modos de produção de subjetividades capitalistas é pensar as formas de adoecimento na contemporaneidade, o que pode tornar possível escutar as denúncias do corpo erógeno contra essas novas formas de controle e servidão. A psicanálise nasceu no movimento - o deslocamento essencial da criação - de tentar dar conta da crise do sujeito clássico da razão, a crise das identidades fixas da modernidade. A psicanálise pôs em cheque o Iluminismo, mostrou que o homem não é senhor em sua própria morada, ao produzir o deslocamento do sujeito da consciência para o inconsciente. Entretanto, na contemporaneidade, onde o regime de produção se mantém na variação contínua, onde o capitalismo construiu sua máxima, sua axiomática

de desterritorializar integrando, recompondo incessantemente, não permitindo nenhuma exterioridade, é essencial compreender as formas de controle do corpo erógeno, que mesmo capturado, adoecido, pulsa... para além das categorias psicopatológicas, e também para além das categorias da psicopatologia psicanalítica⁸.

Felix Guattari (1981) denominava de capitalismo mundial integrado a operação de integração desterritorializada a partir de uma constante remodelagem do sentido e da existência das coisas, o que produz novas formas de segregação. Por exemplo, a remodelagem do "gosto" através da incessante desterritorialização na moda, a questão da culinária⁹, como também a corpolaria, a remodelagem do corpo e o fisiculturismo, que desterritorializa as referências de gênero e vai anexar os corpos em sua indiferenciação (PASSOS, 2004, p. 162). Trata-se da máquina capitalista produzindo uma subjetividade social na cultura de massa, produzindo individualizações serializadas e capturando o desejo a partir da infraestrutura produtiva. A produção de subjetividades se dá na relação de co-existência entre o micro e o macro, entre a micropolítica do desejo e a macro estrutura social.

Se entendemos que o deslocamento que Freud produziu instalou uma micropolítica do desejo, e isso quer dizer que a psicanálise vai na direção oposta a esses processos de produção de subjetividades capitalistas, porque pode gerar processos de singularização, então, podemos pensar que a psicanálise pode ajudar o homem contemporâneo a se libertar dos seus senhores pós-

³ A tradução de Paulo César de Souza do texto de Freud (1919) *Das unheimliche* por "O inquietante" é muito interessante, especialmente porque alcança novas zonas de sentidos.

⁴ Um simples corte de cabelo ou um modo de se vestir imprevisto já é o bastante para provocar algum reboliço.

⁵ Para nós, brasileiros, isso tem um sentido particular, e talvez bem íntimo, a ponto de sobreviver na oralidade das cantigas populares. Cf. "gente que vem de Lisboa / gente que vem pelo mar / laço de fita amarela / na ponta da vela / no meio do mar / eis nós, que viemos / de outras terras, de outro mar / temos pólvora, chumbo e bala / nós queremos é guerrear", cantiga do folclore *Gente que vem de Lisboa*, na versão de Pena Branca e Xavatinho.

⁶ Globalização, planetarismo etc.

⁷ O caso do hospital psiquiátrico é um capítulo à parte - a história da loucura -, a passagem da exclusão à reclusão, o saber-poder da psiquiatria que fez do louco um doente mental ao tornar a loucura seu objeto e, assim, assujeitar o louco, bem no sentido de "des-subjetivá-lo".

⁸ No texto *Efecto de retorno sobre la psicosis ordinaria*, Jacques-Alain Miller faz importantes considerações sobre a necessidade de ultrapassar a rigidez binária neurose-psicose, além de bem observar que a perversão foi desbancada pelo movimento gay e pela clínica, já que o "perverso" não se analisa. Entretanto, Miller sustenta um arco de círculo no binômio NP inscrito sob a rubrica de psicose ordinária, o que me parece ainda manter a rigidez que o incomodava. Por que não avançar para um novo conceito? Não seria o regime de significantes, então, o amálgama deste endurecimento?

⁹ O caldo *knorr* que tende a homogeneizar a cozinha das 'mamães' de norte a sul.

modernos, ajudar o sujeito a construir linhas de fuga consistentes para constituir um território existencial mais alegre, mais potência de criação, território de reinvenção de si mesmo, que é reinvenção dos mundos.

O *Anti-édipo* não é anti-psicanálise¹⁰, apesar de provocar mal-estar em muitos psicanalistas, especialmente aos que ainda hoje se mantêm nas trincheiras institucionais e cuja prática clínica tem no Édipo anteparo e clausura para interpretação no teatro das representações, ou, mais ainda, a redução do inconsciente ao regime de significantes, ignorando a potência maquinica inconsciente, que é potência de criação no *caosmos*. Bem ao contrário, a análise crítica do anti-Édipo contribui para que a psicanálise não incorra no equívoco¹¹ de se colocar no lugar daquilo que ela desconstruiu, para que a psicanálise não se territorialize como um saber-verdade em um jogo incessante entre poderes, mas que, a partir da subversão produzida por Freud, a psicanálise seja uma possibilidade de construção de novos saberes, novas formações discursivas, uma clínica política onde podem ser gestadas subjetividades mais libertárias. No texto *A clínica como política de resistência da vida*, Regina Neri diz:

Se o poder sobre a vida atingiu uma dimensão nunca vista anteriormente, a clínica enquanto empreendimento de saúde pode configurar-se como uma das formas políticas de resistência da vida, não dissociando sua prática das demais esferas da experiência coletiva. Oferecendo-se como um espaço que possa acolher as novas formas de sofrimento face aos pro-

cessos homogeneizadores da cultura, possibilita a emergência de sentidos que possam libertar e reinvestir os desejos que foram capturados pelos dispositivos do biopoder (NERI, 2005, p. 106).

A clínica pode ser um espaço de afirmação da vida, e a experiência da análise uma forma de libertação do desejo para um reencontro com a potência de criação, um reencontro com a arte - um devir criança¹², uma leveza ética-estética de estar no mundo, expressão singular que ressoa a coletividade. Esta clínica subversiva, protestos do inconsciente, maquinarias do desejo, é a clínica psicanalítica em sua forma *nascendi*, em sua potência de se recriar, justamente para manter-se fiel ao princípio.

¹⁰ Marcelo Veras, em *A loucura entre nós* (2010), discute relações entre psicanálise e Saúde Mental, onde faz algumas críticas à reforma psiquiátrica e, segundo ele, a alguns de seus autores de referência, e inclui neste rol Foucault, Deleuze, Guattari, Basaglia, e ainda Joel Birman e Jurandir Freire. Sobre o *Anti-édipo*, diz que a "edipianização da psicanálise" foi superada por Lacan. Entretanto, ao ler o texto percebe-se que o autor não levou em consideração os textos do *Mil Platôs* - Tomo II do Tratado *Capitalismo e esquizofrenia*, do qual *O Anti-édipo* é primeira parte -, onde é retomado e desenvolvido o conceito de corpo sem órgãos, um plano intensivo para além do regime de significantes, ou, dito melhor, aquém da linguagem, mas bem no sentido da anterioridade, do subterrâneo das forças e do afeto. Posteriormente, o texto de Veras, quando sai da crítica e se propõe a construir, ganha velocidade e consistência, sobretudo porque tem na base a experiência da clínica das psicoses.

¹¹ No texto *O paciente das 50.000 horas*, Rodrigué diz: "A psicanálise envelheceu. Perdeu algo com sua respeitabilidade: perdeu o caráter, a meta e até o exagero revolucionários. Já os teve outrora. Não falo da ingênua idealização da psicanálise transformando o mundo radical e vertiginosamente. [...] Aviltamos o divã, sem dúvida. Confesso, contudo, que chego a lamentar as loucas ilusões perdidas. [...] Freud fala de um estado inédito, de uma FORMA DE SER insuspeitada. Vai muito além do mero enriquecimento, da cura, de uma ajuda existencial. Postula, simplesmente, a transformação do homem pela psicanálise."

¹² O devir criança em Nietzsche, o dizer sim à vida, esse devir que está fora de moda na contemporaneidade, apagado pelo endurecimento e pela infantilização do adulto. Mas o devir criança permanece como uma brasa por debaixo das cinzas. Um vento, um sopro e essa chama reacende forte e vigorosa, é o fogo dos ancestrais que é repassado, por exemplo, nas cantigas de roda, que constituem uma espécie de 'espaço transicional', lugar de encontro. Cf. *Das três fases da transmutação do homem* (NIETZSCHE, 1978).

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Carlos Pinto. Um olhar sobre a clínica das neuroses. In *Estudos de psicanálise*, nº 19, Belo Horizonte: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Transcrições dos seminários sobre o anti-Édipo*. Tradução do excerto por Maurício Rocha, Vincennes, 1971.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. Curitiba: Edição do autor, 1975.
- MILLER, Jacques-Alain. Efecto de retorno sobre la psicosis ordinaria. In *Freudiana*, nº 8, Barcelona: La Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, 2010.
- NERI, Regina. A clínica como política de resistência da vida. In *Lugar Comum*, nº 21, Rio de Janeiro: Rede Universidade Nômade, 2005.
- NEVES, Claudia E. Abbês Baêta. Sociedade de controle, o neoliberalismo e os efeitos de subjetivação. In SILVA, Andre do et al. (Org.). *Subjetividade: questões contemporâneas*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres. São Paulo: Abril Cultural, 1978, Coleção Os Pensadores.
- PASSOS, Eduardo & BARROS, Regina B. de. Clínica, política e as modulações do capitalismo. In *Lugar Comum*, nº 19-20, Rio de Janeiro: Rede Universidade Nômade, 2004.
- RODRIGUÉ, Emilio. *O paciente das 50.000 horas*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- TEIXEIRA, Renato & PENA BRANCA e XAVANTINHO. *Ao Vivo em Tatuí*. Gente que vem de Lisboa/Peixinhos do mar (folclore, adaptação Tavinho Moura e Fernando Brant), Kuarupe discos, 1992.
- VERAS, Marcelo. *A loucura entre nós; uma experiência lacaniana no país da saúde mental*. Salvador: Aldeia Bahia Brasil, PetroBahia, Fazcultura, 2010.

SIGMUNDOS: POTENCY AND POWER

Key words: clinica; politics; desire; creation.

Abstract

From the context of creation of the psychoanalysis, this text intends to analyze the displacement of the Freudian perspective that broke with the medical speech and enabled see-hear the denunciation of the erogenous body in the hysteria against the forms of social control of the *fin-de-siècle* Vienna, and that reveals the relationship between desire and politics, already there is some time less esteemed in the psychoanalytical practice. Next, takes the passage of the disciplinary society to the society of control for situate the psychoanalytical practice as micropolitics resistance of the desire facing the forms of capitalistic servitude, that today produce new ways of suffering and psychological illness. The psychoanalyse experience is a bet in the potential of creation of the man and in the possibility of conquer new existential territories.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Serão publicados apenas trabalhos de Psicanálise, de preferência inéditos, elaborados por associados do CBP, e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português dos trabalhos enviados em outro idioma.

3. Poderão também ser publicados:

3.1 Reflexões sobre a Psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento.

3.2 Casos Clínicos.

3.3 Entrevistas.

3.4 Resenhas.

4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas da ABNT.

4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:

4.1.1 Título em Português e em Inglês.

4.1.2 Nome do autor, depois do título, e informações adicionais tais como: profissão, instituição a que pertence e créditos em nota de rodapé.

4.1.3 Resumo, redigido pelo autor, expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.

4.1.4 Abstract ou Résumé. Deverá ser colocado após o texto.

4.1.5 Palavras-chave, correspondentes a palavras ou expressões que identifiquem o conteúdo, devendo ser em número necessário para a completa descrição do assunto e, quanto à localização, anteceder o resumo.

4.1.6 Key-words ou Mots-clés. Deverá preceder o Abstract ou Résumé.

4.1.7 Referências. Citadas como no exemplo a seguir.

4.1.8 Registrar as referências bibliográficas na seguinte ordem:

a) de livro:

Autor. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, Data. Número de págs ou volumes (Nome e número da série).

Exemplo:

CERVO, A. L. *Metodologia científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil 1978. 144 p. (Pensar Hohe, 6)

b) de capítulo de livro:

Autor do capítulo. Título do capítulo. In: Autor do livro (colocar ____ se o autor for o mesmo). *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, Data. Número de páginas ou volumes (Nome e número da série)

Exemplo:

LAMBOTTE, M. C. O tempo anunciador. In: ____ *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2000. p. 103-109.

c) de publicações periódicas no todo:

Título da Publicação. Local (cidade) de publicação: Editor-autor, ano do primeiro volume. Periodicidade. ISSN

Exemplo:

REVERSO. Belo Horizonte: CPMG, 2005. Anual. ISSN: 0102-7395

d) de artigo de revista

Autor. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, Local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

Exemplo:

BERNARDES, W.S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

N.E. Favor notar que os detalhes de dois pontos, abreviaturas e

vírgulas, bem como qualquer outro assinalado, devem ser registrados nos originais como nos exemplos.

5. Os originais deverão ser datilografados em duas vias de boa qualidade, devidamente numeradas e rubricadas pelo autor, em espaço duplo, em uma só face, com laudas contendo de 25 a 30 linhas e com, no máximo, sessenta toques por linha, não excedendo, de preferência, a quinze laudas.

5.1 Os originais deverão ser encaminhados também em disquete, em programa compatível com a indicação da Comissão Editorial.

6. Os textos deverão passar por revisão a cargo do autor.

7. As tabelas, gráficos etc. deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização desejável no texto, entre dois traços horizontais.

8. As citações deverão estar acompanhadas de sua fonte e com a(s) página(s) respectiva(s).

9. As notas de rodapé deverão ser numeradas consecutivamente no texto.

10. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas.

Os trabalhos deverão ser enviados para:

CPB - Revista Cógito

Av. Adhemar de Barros, 1156 s/101- Ondina 40170-110 - Salvador - Ba

Para receber anualmente a revista Cógito ou obter outras informações entre em contato com:

CPB

Av. Adhemar de Barros, 1156 s/101 Ondina
40170-110 - Salvador/BA

Fone/Fax: (71)245-6015

circulopsi.ba@veloxmail.com.br

www.circulopsibahia.org.br